Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)



Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

SASAKAWA LEPROSY HANSEN'S DISEASE INITIATIVE

笹川保健財団 SASAKAWA Health Foundation

日本財団 THE NIPPON FOUNDATION

Sobre o autores:

Dr Peter Grimes

O Dr. Peter Grimes é um especialista internacional em educação com 40 anos de experiência na promoção da equidade na educação, da educação inclusiva, da proteção infantil e do desenvolvimento na primeira infância em todo o mundo, trabalhando com organizações como a ONU e todos os principais doadores. Ele tem apoiado reformas governamentais e o planejamento setorial em todos os níveis do sistema educacional, desde escolas e comunidades até políticas nacionais e globais. É um autor com ampla produção acadêmica, cujas pesquisas têm sido citadas em importantes publicações internacionais.

Dian Soliman

Dian Soliman é especialista em inclusão, com conhecimento especializado em educação inclusiva para pessoas com deficiência. Ela tem trabalhado com organizações internacionais e interessados do setor da educação para elaborar e fortalecer políticas, estratégias e programas que promovam sistemas educacionais inclusivos e equitativos. Ela liderou e contribuiu para o desenvolvimento de ferramentas e recursos práticos, bem como de iniciativas de capacitação, para apoiar os interessados na promoção da inclusão, da equidade, e da não discriminação.

Sobre a artista (arte de capa e ilustrações):



Arianne Gaille Perez

"Sou ilustradora e artista visual baseada nas Filipinas. Trabalho com ilustração digital, desenho e arte tradicional, e gosto de explorar diferentes maneiras de transformar ideias e observações em imagens.

Sou inspirada por formas expressivas, movimentos e composições reflexivas, frequentemente criando obras de arte que deixam espaço para a interpretação.

Para mim, a arte é uma forma de observar o mundo, de dar sentido ao que vejo e de compartilhá-lo com outras pessoas. Ainda estou descobrindo e desenvolvendo minha voz como artista porém aprecio o processo de experimentar, aprender e descobrir aonde cada obra que me leva."

Sobre a Internacional da Educação:

A Internacional da Educação representa organizações de docentes e outros profissionais da educação em todo o mundo. É a maior federação mundial de sindicatos e associações, representando trinta milhões de profissionais da educação em cerca de quatrocentas organizações em cento e setenta países e territórios, no mundo inteiro. A Internacional da Educação une professores e profissionais da educação.

Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)

Dr. Peter Grimes e Dian Soliman

Setembro de 2026

Este trabalho está licenciado sobre a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0)

Publicado pela Internacional da Educação (setembro 2026)
ISBN 978-92-9276-046-5 (PDF)

Arte de capa e ilustrações: Arianne Gaille Perez (2026)

Agradecimentos:

A Internacional da Educação agradece muito sinceramente as organizações membros, os consultores de pesquisa e especialistas cujo conhecimento e experiência contribuíram para o desenvolvimento deste kit de ferramentas. Suas contribuições ajudaram a garantir que este kit reflita as realidades dos profissionais da educação e apoie seus esforços para promover uma educação pública de qualidade, inclusiva e equitativa. Desenvolvido como seguimento ao Apelo Global de 2026 para Acabar com o Estigma e a Discriminação contra Pessoas Afetadas pela Lepra (Doença de Hansen), este kit de ferramentas reflete nosso compromisso comum de aproveitar o poder da educação para combater o estigma, promover a inclusão, e defender a dignidade e os direitos de todos. A Internacional da Educação também agradece o apoio técnico e financeiro da Sasakawa Health Foundation, que tornou este trabalho possível. Este kit de ferramentas é o resultado de um esforço coletivo e da solidariedade internacional. Esperamos que ele sirva como um recurso prático para sindicatos da educação e educadores que buscam criar ambientes de aprendizagem e de trabalho mais inclusivos, fortalecer a compreensão sobre a lepra (doença de Hansen) e outras deficiências relacionadas à saúde, e contribuir para acabar com o estigma e a discriminação na educação e na sociedade.

Contents

Introdução 1

Para que serve este kit de ferramentas? 1

A quem se destina este kit de ferramentas? 1

O que o kit de ferramentas inclui? 2

Como usar este kit de ferramentas 2

Como os módulos estão estruturados 2

Observação sobre a contextualização 3

Visão geral do módulo 6

Unidade 1.1 Lepra (doença de Hansen): Fatos e equívocos 7

1.1.1 O que é a lepra (doença de Hansen)? 8

1.1.2 Como a lepra (doença de Hansen) é transmitida? 9

1.1.3 Quais são os sinais e sintomas da lepra (doença de Hansen)? 10

1.1.4 Como a lepra (doença de Hansen) é diagnosticada e tratada? 11

Prática e Aplicação 14

Resumo da unidade 14

Recursos adicionais 15

Unidade 1.2 Relevância global em contextos endêmicos e não endêmicos 16

1.2.1 A lepra (doença de Hansen) no contexto global 17

1.2.2 Estigma além da prevalência 17

1.2.3 Ligações com Prioridades Educacionais Mais Amplas 18

1.2.4 Por que os educadores e os sindicatos têm um papel a desempenhar 18

Prática e Aplicação 19

Resumo da Unidade 19

Recursos adicionais 20

Unidade 1.3 Impacto do estigma e da discriminação na participação na educação 21

1.3.1 Compreendendo o estigma e a discriminação 22

Prática e Aplicação 27

1.3.2 Interseccionalidade e discriminação agravada 29

1.3.3 Como o estigma e a discriminação se manifestam nas escolas 32
Prática e Aplicação 37
Resumo da unidade 37
Recursos adicionais 38
Anexos: **39**
Anexo 1: Diagnóstico e tratamento da lepra (doença de Hansen) 39
Anexo 2: Dicas para professores em contextos não endêmicos 41
Anexo 3: Lepra (doença de Hansen): Informações rápidas para educadores e defensores 43
Anexo 4: Prática e Aplicação – Atividades facilitadas 46
Notas de rodapé **50**

Acrônimos e Abreviações

CRPD	Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
DTN	Doença Tropical Negligenciada
MDT	Terapia Multimedicamentosa
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Nações Unidas

Introdução

Para que serve este kit de ferramentas?

A educação desempenha um papel vital no combate ao estigma e à discriminação, na promoção da inclusão e na garantia de que todos os alunos possam participar de forma plena e igualitária. Este kit de ferramentas aborda a lepra (doença de Hansen)[a] não como um tema isolado de saúde, mas como parte de um esforço mais amplo para fortalecer a educação inclusiva, combater a discriminação e promover a dignidade por meio da educação. Ele reconhece que o estigma, a discriminação e a exclusão — e não a lepra (doença de Hansen) em si — costumam ser os maiores obstáculos à educação.

O kit de ferramentas oferece a professores, profissionais de apoio educacional, líderes escolares e sindicatos da educação orientações práticas e fáceis de usar para criar ambientes de aprendizagem inclusivos, prevenir e combater o estigma e a discriminação, além de defender políticas e práticas que respeitem os direitos, a dignidade e a participação das pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen).

Embora os exemplos apresentados ao longo do kit de ferramentas se concentrem em alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) e em alunos com deficiência, as estratégias de educação inclusiva apresentadas são relevantes para todos os alunos, particularmente aqueles que sofrem exclusão por motivos de pobreza, gênero, raça, etnia, idioma, condições de saúde ou outras formas de desvantagem.

A quem se destina este kit de ferramentas?

- Docentes
- Pessoal de apoio educacional
- Dirigentes escolares
- Sindicatos da educação e representantes sindicais.

Ele também pode ser útil para formadores de professores, autoridades educacionais, orientadores escolares e outros profissionais que trabalham para promover a educação inclusiva.

a Neste manual, o termo "hanseníase (doença de Hansen)" é utilizado [em inglês] como a terminologia internacionalmente reconhecida. Essa formulação contempla tanto o termo globalmente estabelecido "leprosy" quanto a denominação preferida "hanseníase", utilizada em alguns países, incluindo o Brasil, onde a palavra "lepra" pode estar associada a um histórico de estigma e discriminação. Ao mesmo tempo, algumas pessoas têm manifestado preocupações quanto à denominação da doença em homenagem ao Dr. Hansen, uma vez que isso pode desviar a atenção das pessoas diretamente afetadas pela doença. O termo "hanseníase (doença de Hansen)" reflete a prática internacional atual, ao mesmo tempo em que reconhece os debates em curso sobre uma linguagem centrada na pessoa e sobre as experiências das pessoas afetadas pela doença.

O que o kit de ferramentas inclui?

O kit de ferramentas está organizado nos seguintes módulos:

- **Módulo 1:** Compreendendo a lepra (doença de Hansen), a deficiência e a inclusão
- **Módulo 2:** Orientações em sala de aula para educadore
- **Módulo 3:** Ferramentas de defesa da causa para sindicatos da educação
- **Módulo 4:** Estigma e discriminação de gênero na educação que afetam as mulheres
- **Módulo 5:** Apoio à inclusão do pessoal de apoio educacional
- **Anexos:** O kit de ferramentas também inclui anexos com materiais de referência adicionais, ferramentas práticas, orientações para adaptar o kit a contextos não endêmicos e atividades opcionais de aprendizagem que os facilitadores podem usar para reforçar o aprendizado.

Como usar este kit de ferramentas

Os módulos foram concebidos para se complementarem. O **Módulo 1** fornece a base para a compreensão da lepra (doença de Hansen), da deficiência, da inclusão e do estigma, e deve ser concluído primeiro. O **Módulo 2** se foca em estratégias práticas para educadores, enquanto o **Módulo 3** tem como foco a defesa da causa e o papel dos sindicatos da educação. Embora os Módulos 2 e 3 tenham, cada um, um público-alvo principal, ambos contêm conceitos e estratégias relevantes para todas as partes interessadas na educação. Os **Módulo 4** e **Módulo 5** são módulos complementares que oferecem orientações adicionais sobre temas específicos.

Como os módulos estão estruturados

Para tornar o kit de ferramentas fácil de navegar e altamente prático, cada módulo segue uma estrutura consistente e fácil de usar:

- **Visão geral do módulo e objetivos de aprendizagem:** Uma breve introdução ao foco do módulo e uma lista clara das principais habilidades e conhecimentos que se espera que os usuários adquiram.
- **•Unidades do módulo:** Cada módulo é dividido em unidades temáticas. Cada unidade começa com uma visão geral da unidade, objetivos de aprendizagem e esboço (subtópicos), para que os usuários saibam exatamente o que cada unidade inclui.
- **Caixas "Experimente!":** Presentes ao longo do conteúdo, essas caixas destacadas oferecem estratégias imediatas e prontas para uso, ferramentas práticas e modelos para aplicação nas escolas, em sala de aula ou no sindicato.
- **Prática e aplicação:** Localizadas ao final dos tópicos principais e no final de cada unidade. Essas atividades permitem que professores e sindicatos da educação verifiquem sua compreensão e apliquem os conceitos recém-aprendidos diretamente em sua prática diária.
- **Resumos das unidades e referências aos anexos:** No final de cada unidade, há um resumo rápido dos principais pontos a serem lembrados, juntamente com indicações que remetem para

o anexo para aprofundar o aprendizado e guias adaptados.

- **Recursos adicionais:** Recursos adicionais sugeridos são apresentados no final de cada unidade, oferecendo leituras adicionais e ferramentas para aqueles que desejam explorar os tópicos com maior profundidade.
- **Referências e notas finais:** Uma lista abrangente de citações e documentos de referência localizada no final de cada módulo.

Observação sobre a contextualização

Este kit de ferramentas foi elaborado para ser adaptado a diferentes países, sistemas educacionais e contextos de aprendizagem. Os facilitadores são encorajados a utilizar exemplos, políticas, terminologia e serviços de apoio locais para tornar o conteúdo mais relevante e significativo para os participantes. Embora os conceitos centrais e os princípios dos direitos humanos devam permanecer inalterados, as atividades, os estudos de caso e as discussões podem ser modificados para refletir as realidades locais, as culturas e os recursos disponíveis.

Por exemplo, os facilitadores podem:

- fazer referência a leis nacionais, políticas escolares e procedimentos de proteção ou de salvaguarda da criança;
- incluir informações sobre serviços locais de saúde, assistência social e encaminhamento para pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen) e pessoas com deficiência;
- adaptar exemplos em sala de aula, estudos de caso e cenários para refletir as práticas locais de ensino, normas sociais e formas comuns de estigma, discriminação ou exclusão; e
- tirar partido das próprias experiências dos participantes e das boas práticas existentes para incentivar a aprendizagem entre pares e a aplicação prática.

MÓDULO 1

Compreendendo a Lepra (doença de Hansen), a Deficiência e a Inclusão



Visão geral do módulo

O Módulo 1 constrói uma base comum de conhecimento e compreensão. Ele apresenta fatos essenciais sobre a lepra (doença de Hansen) e analisa como o estigma e a discriminação afetam os alunos e os sistemas educacionais. O módulo também destaca por que essas questões são relevantes em todos os contextos. Ele prepara educadores e representantes sindicais para abordar o tema com confiança e usando uma linguagem comum.

Objetivos de Aprendizagem do Módulo

- Compreender fatos essenciais sobre a lepra (doença de Hansen) e abordar equívocos comuns.
- Descrever como o estigma afeta os alunos e a participação escolar.

Unidades deste Módulo

Unidade 1.1 Lepra (doença de Hansen): Fatos e equívocos
Unidade 1.2 Relevância global em contextos endêmicos e não endêmicos
Unidade 1.3 Impacto do estigma na participação na educação

Unidade 1.1 Lepra (doença de Hansen): Fatos e equívocos

Visão geral da unidade

A Unidade 1 fornece informações simples e precisas sobre a lepra (doença de Hansen), como ela é transmitida e como é tratada. Também discutirá mitos, medos e equívocos comuns sobre a lepra (doença de Hansen).

Objetivos de Aprendizagem da Unidade

1. Definir a lepra (doença de Hansen) e descrever com precisão suas causas, sintomas e modos de transmissão.
2. Identificar equívocos comuns sobre a lepra (doença de Hansen) e explicar por que são falsos.

Estrutura da Unidade

1.1.1 O que é a lepra (doença de Hansen)?
1.1.2 Como a lepra (doença de Hansen) é transmitida?
1.1.3 Quais são os sinais e sintomas da lepra (doença de Hansen)?
1.1.4 Como a lepra (doença de Hansen) é diagnosticada e tratada?
1.1.5 Quais são os mitos e equívocos comuns sobre a lepra (doença de Hansen)?

1.1.1 O que é a lepra (doença de Hansen)?

A lepra (doença de Hansen) é uma doença infecciosa crônica causada principalmente pela bactéria Mycobacterium leprae, de multiplicação lenta. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a lepra (doença de Hansen) uma doença tropical negligenciada (DTN), presente em mais de 120 países. A lepra (doença de Hansen) afeta principalmente a pele, os nervos, os olhos e o revestimento do nariz e do trato respiratório superior.[1]

Como os nervos são afetados, há casos em que as pessoas com lepra (doença de Hansen) perdem o sentido do tato ou a capacidade de sentir dor em algumas partes do corpo, tornando-as mais suscetíveis a lesões como cortes e queimaduras.[2]

A lepra (doença de Hansen) pode causar deficiências?[a]

Sim, a lepra (doença de Hansen) pode causar deficiências, mas somente se não for tratada precocemente. Uma deficiência se refere à perda de função ou a efeitos na saúde de uma pessoa. Na lepra (doença de Hansen), as deficiências podem resultar de danos nos nervos ou de outras complicações da doença.

Sem tratamento oportuno, os danos neurais podem se agravar com o tempo, o que pode levar a deformidades nas mãos, nos pés e no rosto. Essas alterações físicas podem resultar em deficiências.[3] **O diagnóstico e o tratamento precoces impedem que a doença cause danos permanentes.** As deficiências decorrentes da lepra (doença de Hansen) são consequência do tratamento tardio ou ausente, e não da doença em si. Muitas pessoas com lepra (doença de Hansen), quando tratadas precocemente, levam uma vida plena, sem sequelas físicas permanentes.

A lepra (doença de Hansen) não é altamente contagiosa e é curável. Apesar disso, as pessoas afetadas por ela ainda enfrentam estigma, discriminação e exclusão social, mesmo depois de terem sido tratadas e curadas.[4] O maior desafio atualmente é o estigma e é aí que a educação se torna fundamental.

a Este manual adota o modelo social da deficiência, que reconhece que, embora a hanseníase (doença de Hansen) possa causar deficiências e incapacidades, a deficiência surge quando barreiras sociais, ambientais e institucionais impedem que as pessoas afetadas pela hanseníase participem plenamente e em condições de igualdade na sociedade.

1.1.2 Como a lepra (doença de Hansen) é transmitida?



A lepra (doença de Hansen) é difícil de contrair; não se pega facilmente. As evidências indicam que a lepra (doença de Hansen) tem maior probabilidade de se espalhar quando três fatores ocorrem juntos: (1) exposição a gotículas do nariz e da boca, como ao espirrar e tossir, de uma pessoa com (2) lepra (doença de Hansen) não tratada e (3) exposição repetida ao longo de muitos meses, como no ambiente doméstico.[5]

A lepra (doença de Hansen) NÃO é transmitida por...

✗ **Contato casual:**
Conversar, apertar as mãos, abraçar, compartilhar uma mesa, brincar juntos, andar no mesmo ônibus, estar na mesma sala, compartilhar lápis ou livros não transmite a lepra (doença de Hansen).[6]

✗ **Toque ou contato com a pele**
O toque direto não transmite a lepra (doença de Hansen).[7]

✗ **Contato sexual**
A lepra (doença de Hansen) não é transmitida por meio de relações sexuais.[8]

✗ **Hereditariedade ou gravidez**
A lepra (doença de Hansen) não é genética e não pode ser transmitida de uma gestante para o bebê.[9]

✓ **O tratamento interrompe a transmissão**
Uma pessoa que inicia o tratamento não é mais contagiosa. Ela não pode transmitir a lepra (doença de Hansen) a outras pessoas. O tratamento precoce protege tanto a pessoa quanto a comunidade.[10]

Cerca de 95% das pessoas possuem imunidade natural à lepra (doença de Hansen).[11]). Seu sistema imunológico é capaz de combater a bactéria antes que a doença se desenvolva. Isso significa que, mesmo que sejam expostas, a maioria das pessoas não adoecerá. No entanto, pessoas com imunidade enfraquecida, má nutrição ou que vivem em condições insalubres ou anti-higiênicas podem ter um risco maior de desenvolver a doença após contato próximo e repetido com alguém que tenha lepra (doença de Hansen) não tratada. [12]

Não é possível contrair a lepra (doença de Hansen) de um colega de classe, colega de trabalho ou

membro da comunidade que já tenha sido tratado. Essas pessoas têm o mesmo direito que todas as outras de frequentar a escola, participar do processo de aprendizagem e fazer parte da vida social e comunitária, sem discriminação, exclusão ou restrições desnecessárias.

1.1.3 Quais são os sinais e sintomas da lepra (doença de Hansen)?

A lepra (doença de Hansen) pode afetar a pele, os nervos, os olhos e o nariz. Ela tem um longo período de incubação e os sintomas podem demorar a aparecer, podendo levar até 20 anos após a exposição.[13] Os sinais geralmente surgem lentamente; por isso, é importante prestar atenção aos sintomas que não desaparecem.

Os sinais e sintomas comuns incluem:[14]

- Pele e rosto: manchas de pele mais claras ou descoloridas, nódulos salientes ou arredondadas sob a pele, pele espessa ou seca, feridas indolores nas solas dos pés, inchaços ou nódulos indolores no rosto ou nos lóbulos das orelhas e perda de sobrancelhas ou cílios
- Nariz: nariz entupido ou sangramentos nasais frequentes
- Nervos e olhos: dormência ou perda de sensibilidade nas áreas afetadas, fraqueza muscular nas mãos ou nos pés, nervos dilatados e problemas oculares que podem levar à secura ou à cegueira.

Se a lepra (doença de Hansen) não for tratada precocemente, ela pode levar a complicações graves, incluindo:[15]

- Danos permanentes nas mãos, pés, pele, olhos e nervos
- Fraqueza, paralisia ou comprometimento das mãos e dos pés
- Feridas crônicas nos pés que não cicatrizam
- Danos aos olhos que podem levar à cegueira
- Alterações no rosto, no nariz ou nos lóbulos das orelhas
- Dor, vermelhidão ou sensação de queimação causadas pelos nervos afetados

Um possível sinal de alerta é uma mancha ou lesão na pele que não cicatriza após várias semanas, especialmente se for mais clara do que a pele ao redor, elevada, sem pelos ou dormente. Se os nervos faciais ou os olhos forem afetados, a pessoa pode deixar de piscar adequadamente, o que pode levar à secura e a danos aos olhos. Se o interior do nariz for afetado, isso pode causar danos com o tempo. O diagnóstico e o tratamento precoces podem prevenir sequelas permanentes.[16]

1.1.4 Como a lepra (doença de Hansen) é diagnosticada e tratada?

A lepra (doença de Hansen) deve ser avaliada e diagnosticada por um profissional de saúde. O diagnóstico geralmente se baseia nos principais sinais mencionados anteriormente ou na detecção de bactérias em uma amostra de pele

A lepra (doença de Hansen) é curável. É tratada com terapia multimedicamentosa (MDT), uma combinação de antibióticos que elimina as bactérias e impede a progressão da doença. O tratamento deve ser iniciado o mais cedo possível e seguido exatamente conforme recomendado por um profissional de saúde. Também há tratamento preventivo disponível para contatos próximos, como cuidadores de familiares. O diagnóstico e o tratamento são gratuitos nas clínicas da OMS.

O diagnóstico e o tratamento precoces ajudam a prevenir danos nervosos permanentes, deficiências e complicações. Uma vez iniciado o tratamento, a pessoa não é mais contagiosa e não deve ser excluída da escola, do trabalho ou das atividades comunitárias. No entanto, algumas pessoas podem continuar a apresentar danos nervosos, deficiências, reações à lepra (doença de Hansen) ou impactos psicossociais mesmo após a cura bacteriológica, podendo precisar de apoio contínuo. Sistemas de educação inclusivos devem atender a essas necessidades de apoio de longo prazo para que os alunos possam continuar a participar, aprender e fazer parte da comunidade.

Para mais informações sobre o diagnóstico e o tratamento da lepra (doença de Hansen), consulte o Anexo 1: Diagnóstico e Tratamento da Lepra (doença de Hansen).

Experimente!

Coisas simples que os professores podem fazer se suspeitarem que um aluno possa ter lepra (doença de Hansen)

(Veja também o Anexo 2: Dicas para Professores em Contextos Não Endêmicos)

Teachers are not expected to diagnose leprosy (Hansen's disease). However, because they work closely with learners each day, they may notice signs that raise concern. In these situations, teachers can play an important supportive role by encouraging referral to a health professional for proper assessment and treatment.

1. **Mantenha a calma e continue a interagir normalmente com o aluno.** A lepra (doença de Hansen) não se transmite por contato casual; portanto, não há risco para professores ou colegas de classe. Trate o aluno normalmente; não o isole nem o exclua das atividades da turma.

2. **Registre os sintomas de forma confidencial.** Anote quaisquer sinais observados, como manchas cutâneas persistentes, queixas de dormência ou fraqueza nas mãos ou nos pés. Não compartilhe essas informações com outros funcionários ou alunos.
3. **Converse com os pais ou responsáveis e com o aluno de forma discreta.** Expresse sua preocupação com a saúde do aluno de maneira atenciosa e gentil, para não alarmá-lo nem causar pânico. Evite mencionar a lepra (doença de Hansen), já que você não está lá para fazer um diagnóstico.
4. **Encaminhe a família à enfermeira da escola.** A escola deve poder fornecer a eles um encaminhamento a um médico ou unidade de saúde local que possa realizar os exames e o diagnóstico adequados.
5. **Coordene com o diretor da escola e o orientador educacional.** Informe o diretor para que ele possa fornecer documentos oficiais de encaminhamento às autoridades de saúde locais, caso necessário. Envolva o orientador educacional para que ele possa oferecer apoio psicossocial ao aluno e à sua família/responsável.
6. **Continue incluindo o aluno plenamente.** Mesmo quando o diagnóstico for confirmado, o aluno deve participar de todas as atividades sem restrições. Assim que o aluno iniciar a medicação, ele não será mais contagioso.
7. **Ofereça adaptações razoáveis ao aluno.** Isso pode ser tão simples quanto ser flexível com a frequência às aulas para garantir que o aluno possa comparecer às consultas médicas, proporcionar pequenos intervalos para que ele tome seus medicamentos ou fornecer anotações e apostilas para ajudá-lo a recuperar as aulas perdidas. (O Módulo 2, Unidade 2.4 – Estratégias Centradas no Aluno – oferece uma discussão mais aprofundada sobre adaptações razoáveis)
8. **Consulte as autoridades locais de educação e saúde.** Pode haver diretrizes e protocolos específicos para cada região sobre a lepra (doença de Hansen), especialmente em áreas endêmicas.

1.1.5 Quais são os mitos e equívocos comuns sobre a lepra (doença de Hansen)?

Mitos e equívocos sobre a lepra (doença de Hansen)[17]

O estigma e a discriminação contra pessoas com lepra (doença de Hansen) costumam ter origem em mitos e desinformação. Graças a anos de pesquisa, agora temos respostas claras e baseadas em evidências para esses mitos, o que ajuda a reduzir o estigma. Para um resumo das principais informações sobre a lepra (doença de Hansen), consulte o, consulte o Anexo 3: A lepra (doença de Hansen): Informações Rápidas para Educadores e Defensores.

Mito	Fato
A lepra (doença de Hansen) foi erradicada.	A lepra (doença de Hansen) foi eliminada como problema de saúde pública em muitos países, o que significa que o número de casos é muito baixo, mas ela não foi erradicada. Cerca de 200 mil novos casos ainda são diagnosticados a cada ano, com os números mais elevados na Ásia, África e América do Sul. Milhões de pessoas continuam a conviver com seus efeitos.
A lepra (doença de Hansen) é apenas uma doença de pele.	A lepra (doença de Hansen) ataca principalmente os nervos periféricos — os nervos fora do cérebro e da medula espinhal. Sem tratamento, isso pode levar à dormência, fraqueza muscular e problemas de visão. Manchas ou lesões na pele são um sinal visível, mas o impacto mais profundo é no sistema nervoso.
A lepra (doença de Hansen) é um castigo, uma maldição ou o resultado do pecado.	A lepra (doença de Hansen) é uma infecção bacteriana. Nada mais, nada menos. É causada por uma bactéria específica e pode afetar qualquer pessoa, independentemente de seu caráter, crenças ou comportamento. Não há explicação moral ou espiritual para quem contrai a lepra (doença de Hansen).
A lepra (doença de Hansen) faz com que partes do corpo caiam.	A lepra (doença de Hansen) não causa a queda de partes do corpo. No entanto, como a doença pode causar perda de sensibilidade, lesões podem passar despercebidas e infeccionar-se. Em casos graves e não tratados, isso pode, às vezes, levar à amputação. Trata-se de uma complicação devida à negligência e ao atraso no tratamento, não a um efeito direto da própria doença.
É sempre possível saber se alguém tem lepra (doença de Hansen) apenas olhando para a pessoa.	Nos estágios iniciais, a lepra (doença de Hansen) costuma apresentar apenas sinais leves e fáceis de passar despercebidos, como uma área de pele dormente ou uma leve descoloração. Muitas pessoas não apresentam nenhum sinal visível, principalmente quando a doença é diagnosticada e tratada precocemente.
Crianças não contraem lepra (doença de Hansen).	A lepra (doença de Hansen) afeta pessoas de todas as idades. Em regiões onde a doença é mais comum, um número significativo de novos casos a cada ano ocorre em crianças menores de 15 anos. Isso torna a educação e o diagnóstico precoces especialmente importantes.
Apenas pessoas pobres contraem lepra (doença de Hansen).	Embora a lepra (doença de Hansen) seja mais comum em áreas com acesso limitado a cuidados de saúde, água potável e nutrição, ela pode afetar qualquer pessoa cujo sistema imunológico esteja vulnerável. A riqueza não torna uma pessoa imune, e a pobreza por si só não causa a doença.
A lepra (doença de Hansen) não tem cura.	A lepra (doença de Hansen) é totalmente curável. Ela é tratada com uma combinação de antibióticos chamada MDT, que é fornecida gratuitamente pela Organização Mundial da Saúde. Em até 72 horas após o início da MDT, a pessoa já não é mais capaz de transmitir a doença a outras pessoas.
Você nunca deve tocar numa pessoa com lepra (doença de Hansen).	A lepra (doença de Hansen) é umas das doenças infecciosas menos contagiante. Cerca de 95% das pessoas são naturalmente imunes a ela. O contato casual como tocar ou sentar ao lado uns dos outros não propaga a lepra (doença de Hansen). Uma pessoa que começou o tratamento já não representa risco algum para outras pessoas.
As pessoas com lepra (doença de Hansen) devem ser mantidas afastadas das demais.	Isolar as pessoas com lepra (doença de Hansen) de suas comunidades não é medicamente necessário. O tratamento age rapidamente. Poucos dias após o início do tratamento, a pessoa já não é mais contagiosa. A prática de colocar pessoas em colônias de leprosos (doença de Hansen) causou enorme dano e estigma e não tem lugar na assistência médica moderna.

"Estou muito feliz que as pessoas da minha aldeia agora saibam mais sobre a lepra (doença de Hansen). *Por isso, elas não têm mais medo de serem infectadas por mim e eu posso voltar para a escola e me encontrar com meus amigos"*

- Rafael, um adolescente diagnosticado com lepra (doença de Hansen) e que, desde então, se curou após receber tratamento. (https://nlrinternational.org/stories-of-patients/the-story-of-rafael/)

Prática e Aplicação

Folha de Exercícios "Mito ou Fato"

Leia cada afirmação abaixo. Escreva **"Mito"** ou **"Fato"** na caixa de resposta e dê uma breve explicação para sua resposta. Você pode verificar suas respostas usando esta unidade.

Afirmação	Resposta (mito/fato)	Breve explicação
1. A lepra (doença de Hansen) é apenas uma doença de pele.		
2. Não se deve tocar em uma pessoa com lepra (doença de Hansen).		
3. A lepra (doença de Hansen) tem cura.		
4. Somente pessoas pobres contraem lepra (doença de Hansen).		
5. Crianças podem contrair lepra (doença de Hansen).		
6. Pessoas com lepra (doença de Hansen) não devem ser excluídas.		
7. A lepra (doença de Hansen) já foi erradicada em todos os lugares.		
8. A lepra (doença de Hansen) é uma maldição ou punição.		
9. É sempre possível perceber se alguém tem lepra (doença de Hansen).		
10. A lepra (doença de Hansen) faz com que partes do corpo caiam.		

Reflection

Reflect on your own school, workplace, or community.

1. Quais crenças ou ideias equivocadas sobre a lepra (doença de Hansen) ou outras condições de saúde existem no seu contexto?
2. O que você acha que é necessário para combater esses equívocos?
3. Por que você acha que é importante combater esses equívocos?

Resumo da unidade

- A lepra (doença de Hansen) é uma infecção bacteriana curável causada pelo Mycobacterium leprae.
- Ela afeta a pele, os nervos, os olhos e o nariz.

- É classificada como uma doença tropical negligenciada (DTN), presente em mais de 120 países.
- Cerca de 200.000 novos casos são notificados globalmente a cada ano.
- Transmite-se apenas por meio de contato próximo e prolongado com uma pessoa não tratada ao longo de muitos meses.
- Não se transmite por contato casual, como tocar, abraçar, compartilhar refeições ou estar na mesma sala.
- Não é transmitida sexualmente; não passa da mãe para o bebê.
- 95% das pessoas têm imunidade natural.
- Uma pessoa em tratamento não é mais contagiosa.
- Os sinais e sintomas são manchas cutâneas pálidas ou descoloridas acompanhadas de dormência, nervos espessados ou aumentados, fraqueza muscular, nariz entupido, problemas oculares e perda de sobrancelhas ou cílios.
- Os sintomas podem levar anos para aparecer; os sinais iniciais são fáceis de passar despercebidos.
- A lepra (doença de Hansen) é diagnosticada por meio de sinais clínicos, biópsia da pele ou dos nervos e exames laboratoriais.
- É tratada com a Terapia Multimedicamentosa (MDT), disponibilizada gratuitamente pela OMS.
- A deficiência só ocorre quando a lepra (doença de Hansen) não é tratada. O diagnóstico e o tratamento precoces previnem danos permanentes.
- Aos contatos próximos de uma pessoa com lepra (doença de Hansen) pode ser oferecido tratamento preventivo.

Recursos adicionais

1. Vídeo sobre sinais e sintomas da lepra (doença de Hansen), da Leprosy Mission Trust India: **https://youtu.be/-BIuAFZGHf4?si=LOdezj4IJEfdcVyx**
2. A Dra. Helen Roberts desmistifica mitos sobre a lepra (doença de Hansen), da Leprosy Mission International: **https://youtu.be/U137wJlrtKc?si=iVl4wLV_IfqC0gh5**
3. Desafios atuais no combate à lepra (doença de Hansen): **https://sasakawaleprosyinitiative.org/about-hansens-disease/current-challenges/**
4. ILEP – Reabilitação e prevenção da deficiência: **https://ilepfederation.org/about-leprosy/#rehabilitation**

Unidade 1.2 Relevância global em contextos endêmicos e não endêmicos

Visão geral da unidade

A Unidade 2 destaca a relevância global do estigma e da inclusão, inclusive em contextos onde a lepra (doença de Hansen) é menos visível. Ela explora por que o estigma persiste mesmo em países com baixo número de casos e por que educadores e sindicatos em todos os lugares têm um papel na promoção da inclusão e na criação de ambientes de aprendizagem seguros.

Objetivos de aprendizagem da unidade

- Explicar por que combater o estigma e promover a inclusão é relevante em todos os contextos.
- Descrever por que o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) pode persistir mesmo em lugares com poucos casos registrados.
- Explicar como a inclusão e a redução do estigma se relacionam com prioridades educacionais mais amplas, como a equidade, a participação e ambientes de aprendizagem seguros.
- Reconhecer o papel dos educadores e sindicatos na promoção de escolas e comunidades inclusivas.

Estrutura da Unidade

1.2.1 A lepra (doença de Hansen) no contexto global

1.2.2 O estigma além da prevalência

1.2.3 Ligações com prioridades educacionais mais amplas

1.2.4 Por que todos os educadores e sindicatos têm um papel a desempenhar

1.2.1 A lepra (doença de Hansen) no contexto global

A lepra (doença de Hansen) é umas das doenças mais antigas conhecidas pela humanidade. Pesquisas revelaram evidências arqueológicas na Índia que indicam a presença da lepra (doença de Hansen) desde 2000 a.C. Estudos também constataram que ela se espalhou da África Oriental para a Ásia, Europa e o Mediterrâneo há cerca de 4000 anos e para as Américas há cerca de 500 anos, acompanhando os padrões de migração humana. [18] Apesar de ser uma doença antiga, ela persiste na era moderna em mais de 120 países, com uma estimativa de 200 mil novos casos registrados globalmente a cada ano.[19]Os novos casos são notificados principalmente na Ásia, África e América do Sul, onde a lepra (doença de Hansen) é considerada mais endêmica.[20] No entanto, também são registrados casos em países não endêmicos devido à migração ou ao diagnóstico tardio.

Isso significa que educadores e sistemas educacionais, tanto em contextos endêmicos quanto não endêmicos, podem se deparar com alunos, famílias ou membros da comunidade afetados pela lepra (doença de Hansen). Em muitos casos, as pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen) podem já fazer parte das comunidades, mas permanecem invisíveis ou excluídas devido ao estigma e à discriminação.

1.2.2 Estigma além da prevalência

O estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) pode persistir mesmo quando são notificados poucos casos. Às vezes, mesmo após o tratamento e sem sintomas visíveis, as pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen) ainda sofrem estigma e discriminação. Aprendemos na unidade anterior que o medo, os mitos e as crenças negativas sobre a lepra (doença de Hansen) persistem até hoje, mesmo em contextos onde o tratamento e a cura estão amplamente disponíveis, apesar das evidências de que ela não é facilmente transmitida, e mesmo onde há menos casos notificados.[21] Em muitas comunidades, a lepra (doença de Hansen) ainda é erroneamente associada à vergonha, ao castigo, ao isolamento ou ao perigo.[22]

Por medo do estigma, algumas pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen) podem evitar procurar tratamento ou serem forçadas a esconder sua condição, afastando-se da escola, do trabalho ou da vida comunitária. Familiares ou cuidadores também podem sofrer discriminação.[23]

O estigma pode afetar a participação na educação de diferentes maneiras. Alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) podem sofrer bullying, exclusão ou ter expectativas reduzidas. Alunos sem lepra (doença de Hansen), cujos pais ou outros familiares sejam afetados pela lepra (doença de Hansen), também podem sofrer estigma e discriminação. Professores e líderes escolares também podem se sentir inseguros sobre como reagir devido à falta de conhecimento ou ao medo de agir de forma inadequada. Reduzir o estigma, portanto, continua sendo importante em todos os contextos, não apenas onde o número de casos é elevado. .

1.2.3 Ligações com Prioridades Educacionais Mais Amplas

Combater o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) faz parte da promoção de uma educação inclusiva e equitativa para todos os alunos. A educação inclusiva visa garantir que cada aluno se sinta seguro, respeitado, valorizado e capaz de participar plenamente da vida escolar.[24]

As escolas que combatem o estigma e a discriminação ajudam a criar ambientes de aprendizagem mais seguros e fortalecem a empatia, o respeito e a cooperação entre os alunos. Esses esforços também apoiam prioridades educacionais mais amplas, como participação, bem-estar, equidade e proteção infantil.[25]

As abordagens usadas para reduzir o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) também podem ajudar a combater a discriminação relacionada à deficiência, à lepra (doença de Hansen), a outras condições de saúde, raça, idade, pobreza, gênero, orientação sexual, etnia e outras formas de exclusão. Estratégias como linguagem inclusiva, comunicação respeitosa, estratégias contra o bullying e a aprendizagem colaborativa serão discutidas com mais detalhes nas unidades seguintes.

1.2.4 Por que os educadores e os sindicatos têm um papel a desempenhar

Os educadores e os sindicatos da educação desempenham um papel importante na formação de culturas escolares inclusivas e na promoção do respeito à diversidade. Os professores influenciam a maneira como os alunos compreendem a diversidade, a inclusão e a equidade por meio de práticas e interações cotidianas em sala de aula.

Os sindicatos da educação também podem ajudar a promover políticas inclusivas, combater práticas discriminatórias, apoiar o desenvolvimento profissional e incentivar o diálogo sobre estigma e inclusão nos sistemas educacionais.[26]

Mesmo em contextos onde a lepra (doença de Hansen) raramente é discutida, educadores e sindicatos podem ajudar a garantir que as escolas continuem sendo espaços seguros e acolhedores para todos os alunos. Combater o estigma faz parte de um compromisso mais amplo com a dignidade humana, a equidade e a educação inclusiva. O papel dos educadores e dos sindicatos no combate ao estigma e na criação de escolas mais inclusivas será discutido com mais detalhes nos Módulos 2 e 3.

Prática e Aplicação

Comparação de Contextos e Planejamento da Inclusão

Pense nestes dois contextos: um em que a lepra (doença de Hansen) é mais comumente notificada (endêmico) e outro em que é menos notificada (não endêmico). Podem ser lugares de verdade que você conheça ou cenários que você imagine com base em sua experiência. Escreva suas respostas às perguntas abaixo na tabela fornecida.

1. Que tipos de estigma, medo ou mal-entendido podem surgir em cada contexto?
2. Como isso pode afetar de maneira diferente um aluno, professor ou membro da família em cada contexto?
3. Que pontos fortes ou oportunidades de inclusão já podem existir em cada contexto?
4. Descreva uma ação prática para cada contexto que um educador ou representante sindical poderia adotar para reduzir o estigma e promover a inclusão.

	Endêmico	Não endêmico
1. **Estigma**		
2. **Impacto**		
3. **Oportunidades de inclusão**		
4. **Ação**		

Resumo da Unidade

- A lepra (doença de Hansen) continua presente globalmente, tanto em contextos endêmicos quanto não endêmicos.
- O estigma e a discriminação podem persistir mesmo onde o número de casos é baixo.
- O medo e a desinformação continuam afetando alunos, famílias e comunidades.
- Combater o estigma contribui para objetivos mais amplos de educação inclusiva e equitativa.
- Educadores e sindicatos desempenham um papel importante na promoção de ambientes de aprendizagem seguros, respeitosos e inclusivos.

Recursos adicionais

1. Painel interativo da OMS sobre lepra (doença de Hansen): https://apps.who.int/neglected_diseases/ntddata/leprosy/leprosy.html
2. OMS: Rumo à erradicação da lepra (doença de Hansen). Estratégia global contra a lepra (doença de Hansen) 2021–2030: https://www.who.int/publications/i/item/9789290228509
3. Leprosy.jp A lepra (doença de Hansen) no mundo: https://leprosy.jp/world/
4. Artigo da The Leprosy Mission: O que você acha de um mundo sem lepra (doença de Hansen)? https://www.leprosymission.org/blog/what-do-you-think-about-a-world-without-leprosy/
5. Apelo Global 2026 da Fundação de Saúde Sasakawa para a Eliminação do Estigma e da Discriminação contra Pessoas com Lepra (doença de Hansen) e Aquelas que se Recuperaram da Lepra (doença de Hansen): https://gasasakawa.org/ja/globalappeal2026/

Unidade 1.3 Impacto do estigma e da discriminação na participação na educação

Visão geral da unidade

A Unidade 1.3 explora como o estigma e a discriminação relacionados à lepra (doença de Hansen) atuam em ambientes educacionais. Ela examina como fatores que se sobrepõem, como deficiência, gênero, pobreza ou outras identidades sociais, podem moldar as experiências de exclusão. A unidade também analisa como o estigma afeta não apenas os alunos, mas também os educadores, as práticas de ensino, as relações em sala de aula e a participação na vida escolar. Ela destaca como o estigma e a discriminação se tornam barreiras para uma educação inclusiva e equitativa.

Objetivos de aprendizagem da unidade

1. Explicar as diferentes formas de estigma e discriminação por meio de uma perspectiva interseccional.
2. Identificar como o estigma e a discriminação afetam os alunos, os educadores e a participação escolar.

Estrutura da Unidade

1.3.1 Compreendendo o estigma e a discriminação

1.3.2 Interseccionalidade e discriminação agravada

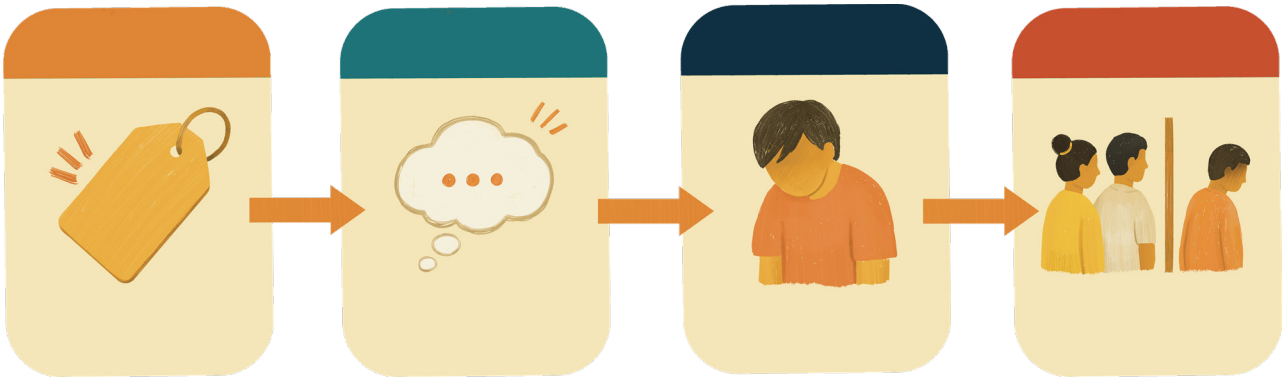
1.3.3 Como o estigma e a discriminação se manifestam nas escolas

1.3.1 Compreendendo o estigma e a discriminação[27]

O que é estigma?

O **estigma**é uma reação negativa às diferenças percebidas em uma pessoa, sejam elas visíveis, comportamentais ou relacionadas à saúde. Quando o estigma está ligado a uma condição de saúde como a lepra (doença de Hansen), é chamado de estigma relacionado à saúde. [28]

Como o estigma se desenvolve



Rotulagem
uma pessoa é rotulada com base em sua condição

Estereotipagem
o rótulo está ligado a ideias fixas, muitas vezes falsas

Desumanização
a pessoa é reduzida a um estereótipo

Distanciamento, perda de status e discriminação
isso leva à exclusão e ao tratamento injusto

O estigma é moldado por atitudes e sistemas — e pode ser mudado.

Formas de estigma[29]

Estigma vivenciado (discriminação)

Quando ocorre um tratamento injusto.



Uma pessoa é tratada de forma injusta por causa de uma condição de saúde.

Exemplo: Um aluno é excluído da escola porque os outros temem, sem motivo, ser infectados.

Estigma antecipado

Quando o medo molda o comportamento



Uma pessoa espera ser discriminada e muda seu comportamento por causa desse medo

Exemplo: Um professor evita buscar tratamento devido ao medo que outras pessoas descobrirão e o tratarão de forma diferente.pessoas descobrirão e o tratarão de forma diferente.

Internalised Stigma

When stigma is turned inward



Uma pessoa nutre crenças negativas e estereótipos sobre sua condição e começa a se afastar dos outros sem qualquer discriminação direta

Exemplo: Um aluno com lepra (doença de Hansen) acredita que sua condição é uma maldição e sente vergonha, se considerando indigno de amizade. Ele começa a se afastar e deixa de participar das atividades em sala de aula.

Estigma por associação

Quando o estigma se espalha para outras pessoas



Atitudes ou tratamentos negativos se estendem às pessoas intimamente ligadas a alguém com lepra (doença de Hansen), como familiares ou profissionais de saúde.

Exemplo: Uma enfermeira do posto de saúde comunitário, que oferece diagnóstico e tratamento gratuitos para a lepra (doença de Hansen), não foi convidada para a festa de um vizinho por medo de que ele pudesse contrair a doença

Estigma estrutural

Quando os sistemas geram exclusão



Leis, políticas, sistemas e culturas organizacionais discriminatórios que limitam oportunidades e reforçam o estigma.

Exemplo: Uma política escolar impede que um aluno se matricule devido à sua condição de saúde, apesar de não haver motivo médico para isso.

Causas do estigma relacionado à saúde[30]

O estigma surge de vários fatores sociais e individuais.

- Medo de infecção, consequências físicas ou periculosidade.
- Percepção de falta de atratividade devido a deficiências visíveis.
- Desconforto ou apreensão ao interagir com indivíduos afetados.
- Associação a condições indesejáveis, como uso de drogas ou pobreza.
- Valores culturais, crenças e estereótipos sobre moralidade, hereditariedade ou castigo divino.
- Políticas discriminatórias, segregação ou leis.
- Uso de representações, linguagem ou imagens inadequadas na mídia.
- Comunicação descuidada por parte de profissionais de saúde e manejo incorreto de informações diagnósticas.
- Preconceitos e atitudes inconscientes entre familiares, comunidade e profissionais de saúde.

Impacto do estigma nos indivíduos[31]

O estigma afeta profundamente o bem-estar emocional e social das pessoas afetadas, incluindo o de seus familiares ou cuidadores.

- Os sentimentos incluem vergonha, rejeição, depressão, ansiedade e pensamentos suicidas.
- Pode levar ao isolamento social, à perda da autoestima e da dignidade.
- Causa sofrimento emocional e efeitos psicológicos duradouros.
- Pode resultar na ocultação de condições de saúde, atrasando o tratamento.
- Impede o acesso a serviços de saúde e a participação em atividades sociais.
- Contribui para o aumento da transmissão de doenças devido ao atraso no diagnóstico e no tratamento.
- Pode causar dificuldades econômicas e agravar a pobreza.

Efeitos do estigma no bem-estar mental[32]

Stigma negatively influences mental health, increasing risks of depression, anxiety, and psychosocial disabilities.

- Afeta a participação na comunidade, na educação e no mercado de trabalho.
- Uma em cada duas pessoas afetadas por DTNs pode apresentar problemas de saúde mental.
- Problemas de saúde mental não tratados adequadamente podem levar à deficiência, morte prematura ou suicídio.
- O fardo é agravado por deficiências físicas e exclusão social.
- A recuperação é possível com apoio, aconselhamento e intervenções comunitárias.
- Cuidados básicos de saúde mental podem ser prestados por profissionais não especialistas,

especialmente em contextos de baixa renda.

- Abordagens culturalmente sensíveis são essenciais para um apoio eficaz à saúde mental.

O estigma não é imutável nem inevitável. Uma pessoa que é estigmatizada em um contexto pode ser aceita em outro, o que mostra que o estigma é moldado por atitudes, crenças e sistemas sociais, e não pela própria pessoa. Isso também significa que ele pode ser combatido por meio da conscientização, de práticas inclusivas e da educação.

O que é discriminação?

A **discriminação** é o tratamento injusto de uma pessoa com base em características pessoais, como deficiência, condição de saúde, gênero, raça, etnia ou idade. Ela viola os princípios fundamentais de igualdade e dignidade humana reconhecidos no direito internacional dos direitos humanos.[33]

Diversos instrumentos internacionais definem e proíbem a discriminação:

A **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD)** define a discriminação com base na deficiência como qualquer ação que impeça uma pessoa com deficiência de desfrutar plena e igualmente de seus direitos e liberdades. Isso inclui a negação de adaptações razoáveis ou a omissão de ajustes que permitiriam a participação igualitária.[34]

A **Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW)** define a discriminação contra as mulheres como qualquer distinção, exclusão ou restrição com base no sexo que prejudique a capacidade da mulher de exercer seus direitos em igualdade de condições com os homens, nas áreas da educação, do trabalho, da saúde e da vida pública.[35]

O **Comitê das Nações Unidas para os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais** reconhece que a discriminação com base na condição de saúde, incluindo doenças como a lepra (doença de Hansen), é proibida pelo direito internacional dos direitos humanos.[36]

A **Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) contra a Discriminação na Educação** declara que qualquer forma de discriminação na educação constitui uma violação dos direitos humanos.[37]

Juntos, esses instrumentos deixam claro que ninguém deve ser tratado de forma desigual por causa de quem é, de sua aparência ou de qualquer doença que tenha.

Ao contrário do estigma, que pode ser sutil e difícil de identificar, a discriminação envolve ações concretas que muitas vezes podem ser documentadas e contestadas, inclusive por meio de processos legais ou institucionais.

Como a discriminação pode se manifestar?

- Demitir um funcionário por causa da lepra (doença de Hansen) ou de uma deficiência
- Recusar a matrícula de um aluno devido a uma condição cutânea visível ou deficiência física
- Negar a uma pessoa o acesso a serviços de saúde, moradia ou serviços públicos devido ao seu estado de saúde
- Deixar de fornecer instalações acessíveis, materiais ou adaptações no local de trabalho
- Tratar mulheres com lepra (doença de Hansen) ou deficiência de maneira diferente dos homens na mesma situação.

A discriminação é uma violação dos direitos humanos. As leis trabalhistas e educacionais na maioria dos países exigem tratamento igualitário e adaptações razoáveis para pessoas com deficiência e problemas de saúde. Educadores e representantes sindicais estão em uma posição privilegiada para reconhecer a discriminação, apoiar as pessoas afetadas e defender escolas e locais de trabalho onde os direitos de todos sejam respeitados.

O estigma, por outro lado, nem sempre se manifesta de forma óbvia. Ele pode ser visível na exclusão, no bullying ou na discriminação direta, mas também pode ser sutil, como expectativas reduzidas, evitação, linguagem insensível ou decisões que limitam a participação de uma pessoa. Essas experiências raramente ocorrem isoladamente. Frequentemente, são moldadas por outros fatores na vida ou na identidade de uma pessoa, como deficiência, gênero, raça, pobreza, idade ou status social.

Por esse motivo, compreender o estigma e a discriminação significa analisar não apenas o que acontece a uma pessoa por causa da lepra (doença de Hansen), mas também como diferentes identidades e circunstâncias podem intensificar a exclusão. A próxima seção explora isso mais detalhadamente através da perspectiva da interseccionalidade, que ajuda a explicar como o estigma pode se combinar com outras formas de discriminação para criar barreiras agravadas na educação e na vida cotidiana.

Prática e Aplicação

Teia de Palavras: Estigma e Discriminação[38]

1. Em duas folhas de papel separadas, desenhe um círculo grande no centro de cada página.
   - Escreva “Estigma” no centro de um dos círculos.
   - Escreva “Discriminação” no centro do outro círculo.
2. Ao redor de cada círculo, escreva todas as palavras, frases, comportamentos, sentimentos, crenças ou exemplos que vierem à mente quando você pensa sobre o conceito. Trace linhas conectando ideias relacionadas, se for útil. Não há respostas certas ou erradas. O objetivo é analisar sua compreensão atual.
3. **Pense sobre:**
   - O que você aprendeu nesta unidade
   - O que você viu ou vivenciou
   - O que você observou em sua escola, local de trabalho ou comunidade
4. Reflexão. Depois de concluir ambas as teias de palavras, reserve alguns momentos para compará-las.
   - Quais palavras ou ideias apareceram nas duas teias?
   - Que diferenças você percebe entre estigma e discriminação?
   - Como o estigma e a discriminação estão conectados?
   - Você consegue pensar em exemplos em que o estigma levou à discriminação?

As ervas daninhas do estigma[39]

Imagine o estigma como uma erva daninha que cria raízes, cresce e se espalha.

1. Usando o diagrama das ervas daninhas do estigma:
   - Nas folhas, escreva exemplos de como o estigma se manifesta. Podem ser atitudes, crenças, políticas ou ações que você tenha visto, ouvido ou vivenciado.
   - Nas raízes, escreva os fatores que permitem que o estigma cresça e persista. Isso pode incluir mitos, medos, estereótipos, falta de informação, normas sociais ou relações de poder desiguais.

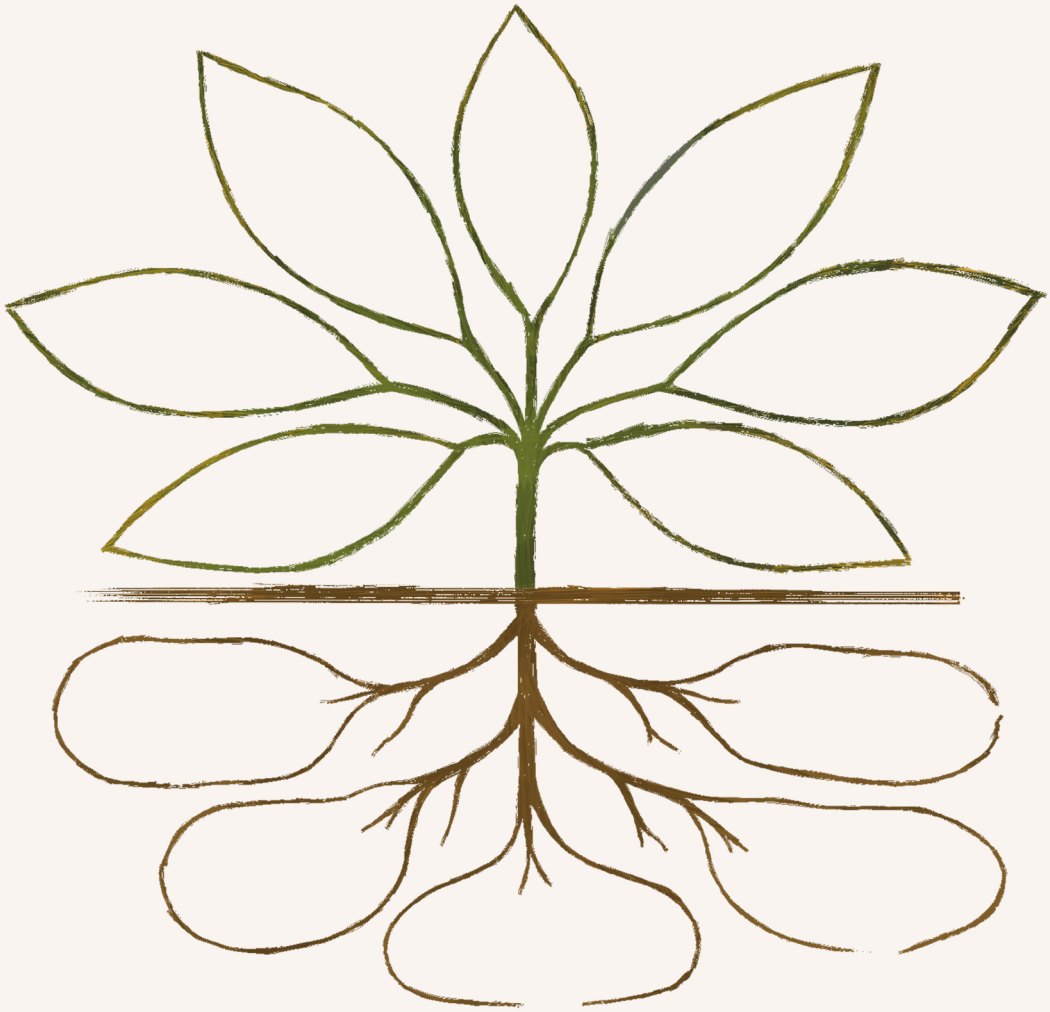
Reflexão:

- Quais raízes parecem ser as causas mais fortes do estigma no seu contexto?
- Quais folhas (comportamentos ou ações) causam o maior dano?
- Que ações poderiam ajudar a remover as raízes do estigma, em vez de apenas abordar os

comportamentos visíveis?

- Que papel os educadores, representantes sindicais, escolas ou comunidades podem desempenhar na redução do estigma?

Como o estigma pode se manifestar?



O que alimenta o estigma?

1.3.2 Interseccionalidade e discriminação agravada

O que é interseccionalidade?[40]

A **interseccionalidade** é uma forma de compreender como diferentes aspectos da identidade e das circunstâncias de uma pessoa se sobrepõem para moldar sua experiência. Isso pode incluir gênero, raça, idade, orientação e identidade sexual, deficiência, etnia, crenças políticas ou religiosas, condições econômicas e sociais ou o local onde a pessoa vive. Juntos, esses fatores podem aumentar as vantagens para algumas pessoas e as desvantagens para outras.

Para uma pessoa afetada pela lepra (doença de Hansen), o estigma raramente é determinado apenas pela lepra (doença de Hansen). Frequentemente, ele se sobrepõe a outros fatores, criando uma discriminação agravada. Esses fatores podem ser individuais ou ambientais/sociais.

Fatores individuais	Fatores ambientais/sociais
Situação de deficiência Gênero Idade Orientação ou identidade sexual Raça Nacionalidade Idioma Localização do domicílio Composição familiar Estado civil Condição de migrante ou de imigrante Condição socioeconômica Origem étnica Religião Opinião política	Acessibilidade física Acessibilidade do transporte Normas sociais Legislação Capacidade dos prestadores de serviços

Esses fatores não atuam separadamente. Eles se sobrepõem e interagem, muitas vezes criando barreiras que são mais difíceis de superar do que qualquer forma isolada de discriminação.

Imagine uma adolescente com deficiência visível relacionada à lepra (doença de Hansen) que também pertence a uma comunidade de minoria étnica. Ela pode enfrentar:

- **Barreiras relacionadas à deficiência**: espaços escolares inacessíveis ou apoio limitado para alunos com deficiência
- **Discriminação de gênero:** expectativas mais baixas ou oportunidades reduzidas para meninas
- **Preconceito étnico:** suposições negativas ou exclusão com base em sua origem
- **Estigma relacionado à lepra (doença de Hansen):** medo, evitação ou exclusão por parte de colegas, professores ou da comunidade em geral

Cada uma dessas barreiras pode reforçar as outras. Juntas, elas criam uma experiência de exclusão mais complexa do que qualquer fator isoladamente poderia causar. É isso que se entende por discriminação agravada.

Por que uma perspectiva interseccional é importante para educadores e representantes sindicais[41]

Uma perspectiva interseccional ajuda educadores e representantes sindicais a compreender como o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) pode se sobrepor a outras formas de exclusão. Isso contribui para respostas mais justas, práticas e inclusivas.

- Enxergar a pessoa como um todo, não apenas um diagnóstico, uma deficiência ou um rótulo
- Reconhecer que o mesmo problema não afeta todas as pessoas da mesma maneira
- Identificar barreiras ocultas ligadas a fatores como idade, gênero, deficiência, orientação ou identidade sexual, condição socioeconômica, raça e etnia, crenças políticas ou religiosas, localização, situação de migração ou de imigração
- Planeje um apoio mais direcionado, práticas inclusivas e ações de defesa da causa
- Fortaleça a cultura escolar, as políticas e o comportamento cotidiano, respondendo às diferentes experiências de exclusão.

O estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) não existe de forma isolada. Escolas e locais de trabalho inclusivos prestam atenção às identidades e circunstâncias que se sobrepõem e moldam a experiência de uma pessoa, e trabalham para remover barreiras em todos os níveis.

Experimente!

Como você pode aplicar uma abordagem interseccional?

Uma abordagem interseccional exige olhar além de um único rótulo, como "pessoa com deficiência" ou "pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen)", para compreender toda a gama de fatores que moldam a experiência de uma pessoa. Profissionais muitas vezes carregam preconceitos inconscientes sobre quem está "em risco" e por quê. Examinar esses preconceitos é um primeiro passo importante rumo a um trabalho mais eficaz e inclusivo.

1. **Examine suas próprias opiniões** - Reflita honestamente sobre seus próprios preconceitos e pontos cegos. Discuta suas perspectivas com colegas e busque feedback sincero de alguém de fora em quem você confia. Pode ser um membro da comunidade, uma pessoa afetada pela lepra (doença de Hansen) ou alguém do setor em que você atua. Todos nós carregamos preconceitos dos quais talvez não tenhamos consciência.
2. **Trabalhe com sua comunidade** - Pessoas com deficiência e pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen) compreendem seu próprio contexto melhor do que qualquer outra pessoa. Envolva-as, juntamente com mulheres, homens, jovens, idosos e grupos religiosos e étnicos, na identificação de barreiras e na busca de soluções. Elas são seu recurso mais valioso.
3. **Adote uma abordagem individualizada** - Não há duas pessoas que vivenciem o estigma, a deficiência ou a exclusão exatamente da mesma maneira. Evite soluções padronizadas. Trabalhe com os indivíduos e suas comunidades para compreender as barreiras específicas que enfrentam e identificar respostas relevantes para a situação deles.
4. **Desafie normas sociais prejudiciais** - — O estigma é sustentado por crenças e normas sociais profundamente enraizadas. Desafiá-las exige tempo, paciência e um diálogo sincero com a comunidade, não sermões ou confrontos. Identifique vozes locais de confiança que estejam comprometidas com a mudança e possam ajudar a transformar atitudes a partir de dentro. Podem ser líderes religiosos ou comunitários, defensores da causa e pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen). Uma abordagem interseccional não significa aumentar a complexidade. Significa enxergar as pessoas com mais clareza. Quando compreendemos o quadro completo da vida de alguém, estamos numa posição muito melhor para poder apoiá-la e remover as barreiras que se encontram no seu caminho.

Fonte: Rigden, S., & Ahluwalia, K. (2020). Rumo a práticas mais inclusivas: um recurso interseccional sobre deficiência, gênero e idade. H. Inclusion/F3.

1.3.3 Como o estigma e a discriminação se manifestam nas escolas

Todas as crianças têm o direito de aprender em espaços seguros e acolhedores. Isso é respaldado por diversos marcos legais, como a CRPD e a Convenção contra a Discriminação na Educação, que mencionamos anteriormente. No entanto, crianças e jovens afetados pela lepra (doença de Hansen), incluindo filhos de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen), frequentemente enfrentam estigma e discriminação no ambiente escolar, por parte de colegas, professores, sistemas escolares e políticas educacionais. Para muitas pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen), o estigma causa mais danos do que a própria doença, sendo a exclusão da educação uma das consequências mais graves. Compreender como o estigma e a discriminação se manifestam nas escolas é o primeiro passo para a construção de ambientes de aprendizagem verdadeiramente inclusivos.

1. Exclusão na escola e da escola[42]

Uma das formas mais diretas e prejudiciais de discriminação é negar a uma criança o direito de frequentar a escola com seus colegas. Crianças afetadas pela lepra (doença de Hansen) podem:

- ter o acesso à escola recusado
- ser solicitadas a deixar a escola
- ser separadas de outros alunos
- ser desencorajadas a participar de atividades escolares

Essa exclusão raramente se baseia em evidências médicas. Ela é motivada pelo medo e pela desinformação. Uma criança que iniciou o tratamento não representa risco algum para os colegas de classe. Uma criança cujos pais ou outros familiares sejam afetados pela lepra (doença de Hansen) também não representa risco algum para seus colegas de classe e professores.

A dimensão do problema vai além da lepra (doença de Hansen) por si só. Crianças com deficiência e com limitações relacionadas à lepra (doença de Hansen) estão entre as que correm maior risco de ficar fora da escola em todo o mundo. Elas enfrentam barreiras persistentes ao acesso à educação decorrentes da discriminação, do estigma e da falha rotineira dos tomadores de decisão em incorporar a inclusão de pessoas com deficiência nos serviços escolares.[43] Para crianças afetadas pela lepra (doença de Hansen), especialmente aquelas que desenvolveram deficiências visíveis, essas barreiras podem ser graves e se agravarem.

Impacto: a exclusão prejudica a aprendizagem, limita oportunidades futuras, reforça o isolamento social e perpetua a pobreza.

2. Estigma por parte dos colegas: Bullying e rejeição social[44]

O estigma também pode vir dos colegas. Alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) podem sofrer:

- provocações e xingamentos

- rejeição social
- isolamento das atividades em grupo
- bullying relacionado à aparência, deficiência ou origem familiar

O bullying baseado no estigma pode afetar a autoconfiança, a saúde mental, a frequência escolar e o desempenho acadêmico. Alguns alunos podem se afastar da vida escolar, mesmo quando permanecem matriculados.[45]

Impacto: os alunos podem se sentir inseguros ou indesejados e desenvolver ansiedade crônica, ou relutar em participar do processo de aprendizagem.

3. Estigma por parte de professores e o pessoal de apoio educacional

Professores e o pessoal de apoio educacional exercem uma influência significativa na cultura escolar. Quando os educadores não dispõem de informações precisas sobre a lepra (doença de Hansen), podem, sem intenção, reforçar o estigma. Isso pode se manifestar da seguinte forma:

"Desde que comecei a frequentar a escola, nunca fui a delegada da turma, porque havia discriminação. Diziam que eu não enxergava, que não conseguia controlá-los. Não é nada fácil para mim, porque sofri uma série de provocações."

- Josephine, da Serra Leoa. (Sightsavers, Reduzindo o estigma em programas inclusivos (2025)

- tratar um aluno de maneira diferente dos colegas de classe;
- sentar um aluno separadamente;
- fazer comentários insensíveis;
- reduzir as expectativas sobre o que um aluno pode alcançar;
- compartilhar informações privadas sem consentimento.

Muitas dessas ações não são intencionais, mas ainda assim podem ter efeitos prejudiciais Os professores são fundamentais para combater estereótipos prejudiciais, promover uma compreensão correta e criar ambientes de aprendizagem inclusivos, essenciais para combater o estigma — mas somente quando estão equipados com o conhecimento e as ferramentas necessárias para isso.[46] No entanto, cerca de 40% dos países não oferecem formação aos professores sobre inclusão, deixando muitos educadores mal preparados para apoiar alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiência.[47]

Impacto: os alunos podem se sentir excluídos, perder a confiança ou ter oportunidades de sucesso negadas.

4. Discriminação Institucional e Estrutural[48]

A discriminação nem sempre é resultado do comportamento individual. Ela também pode estar incorporada a políticas, sistemas e práticas. Exemplos incluem:

- falta de políticas de educação inclusiva
- instalações e serviços inacessíveis
- ausência de medidas contra o bullying ou a discriminação

A incapacidade de lidar com as desigualdades, o estigma e a discriminação ligados à situação econômica, gênero, etnia, idioma, localização e deficiência está impedindo o progresso rumo a uma educação de qualidade para todos. A educação inclusiva trabalha para identificar todas as barreiras à educação e removê-las. É fundamental contar com um marco institucional para apoiar mudanças em atitudes negativas e comportamentos prejudiciais. Quando as escolas não possuem um marco normativo para proteger alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiência e para lidar com barreiras atitudinais, o estigma e a exclusão permanecem sem contestação.[49]

Impacto: Os alunos enfrentam oportunidades desiguais de acesso, participação e benefício da educação.

5. Interseccionalidade das barreiras

Alguns alunos enfrentam múltiplas formas de discriminação ao mesmo tempo. Um aluno afetado pela lepra (doença de Hansen) também pode sofrer exclusão relacionada a:

- deficiência
- gênero
- orientação e identidade sexual
- raça
- idade
- condição social e econômica
- etnia
- idioma
- localização geográfica
- situação de migração ou imigração

Esses fatores sobrepostos podem tornar a participação na educação ainda mais difícil.

Impacto: Quanto mais barreiras um aluno enfrenta, maior é o risco de exclusão e de resultados educacionais desiguais.

Experimente!

Reflita sobre o estigma e a discriminação na sua escola ou sindicato.

Reserve alguns minutos para pensar em como o estigma e a discriminação se manifestam em sua própria escola ou sindicato. Eles podem ser observados nas interações cotidianas, nas rotinas e nas decisões que talvez tenhamos deixado de perceber.

Use as sugestões abaixo para ajudá-lo a observar e identificar o estigma e a discriminação onde você está. Marque o que você viu ou vivenciou e acrescente seus próprios exemplos nos espaços fornecidos.

Atitudes e linguagem

- ☐ Um aluno ou colega sendo rotulado ou comentado de forma negativa por causa da lepra (doença de Hansen) ou de outra condição de saúde, deficiência ou aparência
- ☐ Baixas expectativas em relação a um aluno ou colega por causa de quem ele é ou de onde vem
- ☐ Piadas, comentários ou expressões que zombam ou menosprezam a condição ou diferença de uma pessoa
- ☐ Linguagem estigmatizante ou desrespeitosa em conversas
- ☐ Linguagem excludente em políticas, sites, publicações ou materiais didáticos

Outros: _____

Comportamento em relação às pessoas afetadas

- ☐ Alunos ou membros sendo evitados e excluídos de atividades em grupo
- ☐ Um aluno está sentado separado dos demais
- ☐ Um colega ou aluno que esconde a lepra (doença de Hansen) ou outra condição de saúde por medo da reação dos outros
- ☐ Uma pessoa sendo tratada de maneira diferente em reuniões, aulas ou encontros sociais
- ☐ Uma família que mantém uma criança fora da escola por causa do estigma ou da vergonha

Outros: _____

Sistemas e práticas da escola ou do local de trabalho

- ☐ Ausência de uma política clara que proteja alunos ou funcionários afetados pela lepra (doença de Hansen), com deficiência ou com outra condição de saúde
- ☐ Falta de políticas que abordem a discriminação ou o bullying
- ☐ Barreiras físicas ou de comunicação que limitam a participação
- ☐ Falta de formação para professores ou funcionários sobre educação inclusiva ou estigma relacionado à saúde
- ☐ Um aluno sendo desencorajado ou impedido de se matricular por causa da lepra (doença de Hansen) , deficiência ou outra condição de saúde

☐ Informações de saúde ou pessoais sendo compartilhadas sem o conhecimento ou consentimento da pessoa

Outros: _____

Pontos para reflexão:

1. Qual foi uma coisa que você percebeu e à qual não havia prestado atenção antes?

_____

_____

2. Qual você acha que é a forma mais comum de estigma ou discriminação na sua escola ou sindicato?

_____

_____

3. Quem são as pessoas mais afetadas pelo estigma e pela discriminação na sua escola ou sindicato?

_____

_____

Tenha suas observações em mente ao trabalhar com o restante deste kit de ferramentas. Você terá a oportunidade de explorar como lidar com o que identificou. O Módulo 2 discutirá estratégias para lidar com o estigma e a discriminação.

Prática e Aplicação

Análise de Estudo de Caso

Leia o estudo de caso a seguir e responda às perguntas de reflexão abaixo.

Maria é uma menina de 14 anos que mora em uma área rural. Recentemente, ela foi diagnosticada com lepra (doença de Hansen) e começou o tratamento. Ela pertence a uma comunidade indígena e é a mais velha de cinco irmãos. Sua família depende dela para ajudar em casa e cuidar dos irmãos mais novos. A escola mais próxima fica longe de sua casa e não há transporte acessível. Por causa disso, ela falta frequentemente às aulas. Sua professora está ciente do diagnóstico e, sem a intenção de causar dano, tem colocado Maria sentada separadamente dos colegas de classe.

Perguntas para reflexão:

1. Quais fatores, além do diagnóstico de lepra (doença de Hansen), estão afetando a capacidade de Maria de frequentar e participar das atividades escolares?
2. Quais desses fatores estão ao alcance da escola para serem resolvidos? Quais exigem uma ação mais ampla?
3. Como a experiência de Maria seria diferente se ela fosse um menino? Ou se morasse em uma área urbana?
4. Que suposições um professor ou um administrador escolar poderia fazer sobre Maria sem conhecer toda a sua situação?
5. Como seria, na prática, uma abordagem interseccional para a escola e a comunidade de Maria?

Resumo da unidade

- O estigma é uma reação negativa às diferenças percebidas em uma pessoa, sejam elas visíveis, comportamentais ou relacionadas à saúde.
- O estigma atua em vários níveis que afetam os alunos, incluindo o estigma vivenciado (discriminação e atitudes negativas de colegas e da comunidade), o estigma antecipado, o estigma internalizado (vergonha internalizada e baixa autoestima), o estigma por associação e o estigma estrutural (leis, políticas ou práticas discriminatórias).

- Interseccionalidade: o estigma não atua isoladamente; ele é fortemente agravado por outras desigualdades. Alunos que enfrentam estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) juntamente com pobreza, desigualdade de gênero (especialmente meninas), raça ou condição de minoria étnica enfrentam as barreiras mais graves para permanecer na escola.
- Exclusão educacional direta: a desinformação e o medo frequentemente levam a que crianças afetadas pela lepra (doença de Hansen) tenham a matrícula escolar negada, sejam expulsas ou forçadas a frequentar ambientes de aprendizagem segregados, apesar de não representarem nenhum risco médico uma vez iniciado o tratamento.
- Isolamento social e bullying: Além da exclusão formal, os alunos afetados frequentemente enfrentam graves barreiras informais, incluindo bullying e rejeição social por parte dos colegas de classe e, às vezes, de profissionais da educação mal preparados.
- Danos psicológicos e acadêmicos: O impacto emocional do estigma, como ansiedade crônica, depressão e perda de autoconfiança, faz com que os alunos se desinteressem pela aprendizagem. Isso afeta gravemente o desempenho acadêmico e frequentemente leva ao abandono escolar.
- Atrasos perigosos no tratamento: O medo de ser estigmatizado e excluído da escola muitas vezes leva as famílias a ocultar o diagnóstico de lepra (doença de Hansen) de uma criança. Esse sigilo atrasa o tratamento médico essencial, aumentando diretamente o risco de deficiência física permanente.
- Consequências a longo prazo: Se não forem combatidas, a exclusão e a falta de educação causadas pelo estigma prendem os jovens em um ciclo vitalício de pobreza, marginalização social e oportunidades limitadas.

Recursos adicionais

1. O que é interseccionalidade, pelo Prof. Peter Hopkins, da Universidade de Newcastle: **https://youtu.be/O1islM0ytkE?si=h8aWrS7Phu583NoX**
2. Vídeo sobre como o estigma e a discriminação afetam os alunos (em francês), pela Fundação Damien: **https://youtu.be/5IAzz8ficgw**
3. Vídeo sobre gênero e estigma — desafios enfrentados por mulheres com lepra (doença de Hansen), pela Leprosy Mission International: **https://www.youtube.com/watch?v=XJMag2HO4so**

Anexos:

Anexo 1: Diagnóstico e tratamento da lepra (doença de Hansen)

Como é feito o diagnóstico da lepra (doença de Hansen)?

A lepra (doença de Hansen) é diagnosticada por um profissional de saúde que procura um ou mais destes sinais:[50]

- Uma mancha cutânea pálida ou avermelhada com perda de sensibilidade (dormência)
- Um nervo espessado ou aumentado de volume, com dormência ou fraqueza muscular
- Bactérias detectadas ao microscópio a partir de uma amostra de pele

Uma vez diagnosticada, a lepra (doença de Hansen) é classificada em um dos dois tipos, o que determina o curso do tratamento:[51]

- Paucibacilar (PB) — 1 a 5 lesões cutâneas, sem detecção de bactérias nas amostras de pele;
- Multibacilar (MB) — Mais de 5 lesões cutâneas, ou acometimento nervoso, ou detecção de bactérias nas amostras de pele.

Dependendo dos sintomas do paciente, o médico pode coletar amostras da pele ou dos nervos para análise. Os exames comuns incluem:[52]

- Biópsia de pele ou de nervos — Uma pequena amostra de tecido é examinada para confirmar e classificar a doença;
- Coloração ácido-resistente — Um exame laboratorial que identifica as bactérias causadoras da lepra (doença de Hansen) em uma amostra de pele;
- Teste de PCR — Detecta o material genético das bactérias; útil em casos precoces ou leves, nos quais outros exames não são conclusivos. Disponível apenas em laboratórios especializados

Como a lepra (doença de Hansen) é tratada?

A lepra (doença de Hansen) é curável. É tratada com terapia multimedicamentosa (MDT), uma combinação de três medicamentos: dapsona, rifampicina e clofazimina. A OMS recomenda 6 meses de tratamento para a lepra (doença de Hansen) paucibacilar (PB) e 12 meses para a lepra (doença de Hansen) multibacilar (MB). A MDT elimina as bactérias e cura a doença, e a OMS a fornece gratuitamente em países endêmicos.[53]

O diagnóstico e o tratamento precoces são importantes. Quanto mais tempo a lepra (doença de Hansen) permanecer sem tratamento, maiores serão os danos que pode causar ao organismo. Se for

prescrita a MDT, cada dose deve ser tomada exatamente conforme recomendado pelo profissional de saúde para ajudar o tratamento a funcionar bem e reduzir o risco de resistência aos medicamentos. As pessoas em tratamento também podem precisar de acompanhamento para monitorar lesões nervosas, a cicatrização e eventuais complicações. Algumas pessoas podem receber medicamentos para controlar a dor, a inflamação ou reações à lepra (doença de Hansen).[54]

Como ajudar a prevenir a lepra (doença de Hansen)?

- Procure diagnóstico e inicie o tratamento precocemente
- Siga boas práticas de higiene e etiqueta ao tossir
- Apoie os contatos próximos de uma pessoa com lepra (doença de Hansen) a se submeterem a exames, se recomendado por um profissional de saúde.

A SDR-PEP (profilaxia pós-exposição) é um tratamento preventivo para contatos próximos de uma pessoa com lepra (doença de Hansen). Consiste na administração de uma dose única de rifampicina aos contatos elegíveis após triagem, para ajudar a reduzir o risco de desenvolverem a doença. É uma das abordagens atualmente utilizadas para apoiar a prevenção da lepra (doença de Hansen).

A prevenção da lepra (doença de Hansen) começa com o diagnóstico e o tratamento precoces. A lepra (doença de Hansen) se espalha principalmente por meio do contato próximo e repetido, ao longo de muitos meses, com alguém que tenha lepra (doença de Hansen) não tratada. Uma vez iniciado o tratamento, a pessoa deixa de ser contagiosa.

Anexo 2: Dicas para professores em contextos não endêmicos

Experimente!

Medidas simples que os professores podem tomar caso suspeitem que um aluno possa ter lepra (doença de Hansen) (contextos não endêmicos)

Em áreas não endêmicas, a lepra (doença de Hansen) é extremamente rara e costuma estar associada à migração ou a viagens. Essa raridade traz desafios específicos: os médicos locais podem diagnosticá-la incorretamente, e o estigma costuma ser motivado por mitos históricos, e não pela realidade cotidiana. Além disso, os alunos afetados podem já pertencer a grupos marginalizados (como migrantes ou refugiados), tornando a privacidade e a sensibilidade cultural ainda mais essenciais.

Não se espera que os professores diagnostiquem condições médicas. No entanto, como trabalham em contato próximo com os alunos todos os dias, eles podem perceber sinais físicos persistentes (como manchas cutâneas inexplicáveis ou queixas de dormência). Embora a lepra (doença de Hansen) seja extremamente rara em países não endêmicos, ela ainda pode ocorrer. Nessas situações, o papel do professor é proporcionar um ambiente seguro e livre de estigma, além de incentivar a família a procurar orientação médica geral.

- **Mantenha a calma e continue interagindo normalmente.** A falta de conhecimento sobre a lepra (doença de Hansen) costuma causar pânico desnecessário. Lembre-se de que a lepra (doença de Hansen) é muito difícil de ser contraída e não se transmite por meio de contato casual na escola. Trate o aluno normalmente; não há risco algum para professores ou colegas de classe, e não há motivo para afastar o aluno das atividades.
- **Registre as observações de forma estritamente confidencial.** . Anote quaisquer sinais físicos (por exemplo, uma mancha na pele que não cicatriza) ou mudanças comportamentais (por exemplo, um aluno com dificuldade para segurar um lápis devido à falta de sensibilidade). Como condições raras podem facilmente gerar boatos na escola, nunca compartilhe essas observações com outros alunos ou funcionários não autorizados.
- **Aborde os pais ou responsáveis com extrema sensibilidade cultural.** Converse com a família discretamente. Expresse preocupação geral com a saúde do aluno de maneira gentil. Não sugira um diagnóstico de lepra (doença de Hansen). Lembre-se de que famílias de migrantes ou refugiados podem hesitar em procurar os serviços de saúde devido a barreiras linguísticas, medo de custos ou medo de deportação. Tranquilize-os, afirmando que seu objetivo principal é o bem-estar da criança e sua capacidade de aprender.

- **Oriente-os para os recursos de saúde da escola.** Encaminhe a família à enfermeira da escola ou aos serviços de saúde locais. Como a lepra (doença de Hansen) é rara em seu país, os clínicos gerais podem não reconhecê-la imediatamente. O papel do professor é simplesmente incentivá-los a buscar uma avaliação adequada, o que pode eventualmente envolver um encaminhamento a um dermatologista ou a uma clínica especializada.
- **Coordene o apoio psicossocial.** Informe o diretor da escola para providenciar encaminhamentos formais, se exigido pela política da instituição. É fundamental envolver o orientador educacional. Um aluno que enfrenta uma condição de saúde não diagnosticada, estigmatizada ou rara — especialmente se for recém-chegado ao país — corre alto risco de ansiedade e isolamento social.
- **Defenda a inclusão total.** Mesmo que o diagnóstico de lepra (doença de Hansen) (ou qualquer outra condição) seja confirmado, o aluno deve ter permissão para participar plenamente. Assim que uma pessoa com lepra (doença de Hansen) inicia a medicação padrão, ela deixa de ser contagiosa. Talvez seja necessário atuar como defensor para garantir que os demais funcionários compreendam esse fato e não excluam o aluno por medo infundado.
- **Ofereça adaptações flexíveis e razoáveis.** Em países não endêmicos, os alunos podem precisar viajar longas distâncias para consultar médicos ou clínicas especializadas. Seja flexível com a frequência, forneça resumos das aulas perdidas e permita intervalos discretos caso o aluno precise tomar medicamentos durante o dia letivo. (O Módulo 2 apresenta uma discussão mais aprofundada sobre adaptações razoáveis).
- **Consulte orientações nacionais ou internacionais.** Pode ser que não haja diretrizes locais sobre a lepra (doença de Hansen) disponíveis em sua região. Se sua escola precisar de orientação sobre políticas após um diagnóstico, consulte a autoridade nacional de saúde pública ou busque recursos junto a organizações globais (como a OMS ou organizações internacionais de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen)) para garantir que a resposta da escola seja baseada na ciência, e não no estigma.

Anexo 3: Lepra (doença de Hansen): Informações rápidas para educadores e defensores

Lepra (doença de Hansen): Informações rápidas para educadores e defensores

Uma referência rápida para uso em sala de aula e defesa comunitária

Mensagem-chave:

A lepra (doença de Hansen) é uma doença curável. É difícil de contrair e não é transmitida por contato casual. Ninguém deve ser discriminado por causa dela.

O que é a lepra (doença de Hansen)?

- A lepra (doença de Hansen) é uma infecção bacteriana causada pelo Mycobacterium leprae.
- É uma doença tropical negligenciada (DTN) encontrada em mais de 120 países.
- Cerca de 200 000 novos casos são notificados a cada ano.
- O maior número de casos é registrado na Ásia, África e América do Sul.

A lepra (doença de Hansen) é contagiosa?

- A lepra (doença de Hansen) é muito difícil de contrair.
- Ela se transmite apenas por meio de contato próximo e prolongado com uma pessoa não tratada ao longo de muitos meses, provavelmente por meio de gotículas expelidas ao tossir ou espirrar.
- Ela não se transmite por:
  - o Toque, abraço ou aperto de mão
  - o Compartilhar comida ou bebida
  - o Sentar-se ao lado de alguém
  - o Contato sexual
  - o Gravidez
- 95% das pessoas são naturalmente imunes; seus corpos combatem a bactéria por conta própria.

Quem pode contrair a lepra (doença de Hansen)?

- Qualquer pessoa pode contrair a lepra (doença de Hansen), independentemente da idade, gênero ou condição econômica.
- É mais comum em áreas com acesso limitado a cuidados de saúde e nutrição.

FAST FACTS FOR EDUCATORS AND ADVOCATES

- Crianças menores de 15 anos também são afetadas, particularmente em áreas onde a doença é mais prevalente.

Sinais e sintomas

- Manchas na pele pálidas ou descoloridas com perda de sensibilidade (dormência)
- Nódulos arredondados e salientes sob a pele
- Inchaços ou protuberâncias indolores no rosto e nos lóbulos das orelhas
- Dormência ou fraqueza muscular nas mãos ou nos pés
- Problemas de visão em casos não tratados
- Nariz entupido ou sangramentos nasais frequentes
- Nos estágios iniciais, os sinais podem ser leves e fáceis de passar despercebidos.
- Muitas pessoas não apresentam sinais visíveis quando diagnosticadas e tratadas precocemente.

A lepra (doença de Hansen) tem cura?

Sim, a lepra (doença de Hansen) pode ser completamente curada.

- A lepra (doença de Hansen) é tratada com Terapia Multimedicamentosa (MDT), uma combinação de antibióticos.
- A MDT é fornecida gratuitamente pela Organização Mundial da Saúde.
- Em até 72 horas após o início do tratamento, a pessoa já não é mais contagiosa.
- Quando detectada precocemente, o tratamento evita danos ou incapacidades permanentes.

Nota aos facilitadores: Opção de contextualização

Adicione informações locais sobre onde há serviços de tratamento da lepra (doença de Hansen) disponíveis, incluindo unidades governamentais e organizações não governamentais confiáveis. Sempre que possível, indique como as pessoas podem ter acesso ao diagnóstico, tratamento, acompanhamento e encaminhamentos, e se os serviços são gratuitos.

A lepra (doença de Hansen) pode causar incapacidade?

- A lepra (doença de Hansen) nem sempre causa incapacidade.
- A incapacidade ocorre quando a doença fica sem tratamento por um longo período.
- O diagnóstico e o tratamento precoces previnem totalmente danos nos nervos e deformidades.
- Muitas pessoas tratadas precocemente levam uma vida plena e saudável, sem sequelas.

FAST FACTS FOR EDUCATORS AND ADVOCATES

Desmistificando a lepra (doença de Hansen)

Mito	Fato
A lepra (doença de Hansen) é altamente contagiosa.	É uma das doenças infecciosas menos contagiosas.
É possível contraí-la ao tocar em alguém.	O contato casual não transmite a lepra (doença de Hansen).
É uma maldição ou punição.	É simplesmente uma infecção bacteriana.
Pessoas com lepra (doença de Hansen) devem ser isoladas.	O isolamento é desnecessário e prejudicial.
Ela afeta apenas a pele.	Ela afeta principalmente os nervos.
Ela foi erradicada.	Ela ainda afeta cerca de 200 mil pessoas por ano.
Somente pessoas pobres contraem lepra (doença de Hansen).	Ela pode afetar qualquer pessoa.
Não há cura.	Ela é totalmente curável com a MDT.

Anexo 4: Prática e Aplicação – Atividades facilitadas

Estas são atividades sugeridas para processar o aprendizado e verificar a compreensão, destinadas a serem conduzidas por um facilitador.

Unidade 1. Lepra (doença de Hansen): Fatos e Equívocos

Entrevista Comunitária e Discussão em Grupo

Objetivo: Revelar crenças comuns e equívocos sobre a lepra (doença de Hansen) na comunidade e praticar conversas respeitosas e baseadas em evidências que reduzam o estigma.

Em um pequeno grupo de 2 a 4 pessoas, entreviste pelo menos três pessoas da sua comunidade. Podem ser vizinhos, colegas, familiares ou líderes comunitários. Pergunte o que elas sabem sobre a lepra (doença de Hansen) e ouça sem julgar. Corrija gentilmente quaisquer equívocos usando o que você aprendeu nesta unidade. Lembre-se de que mudar crenças profundas leva tempo e confiança. O objetivo desta atividade não é vencer uma discussão, mas iniciar uma conversa. Cada troca respeitosa é um passo em direção à redução do estigma.

Sugestões de perguntas para a entrevista:

1. O que você sabe sobre a lepra (doença de Hansen)?
2. Você já conheceu ou ouviu falar de alguém com lepra (doença de Hansen) na sua comunidade?
3. Como você acha que a lepra (doença de Hansen) se espalha?
4. Você se sentiria à vontade para sentar ao lado, trabalhar com ou estar na mesma sala de aula que alguém com lepra (doença de Hansen)? Por que sim ou por que não?

Depois de concluir suas entrevistas, reflita sobre o seguinte e discuta com seu grupo:

1. Quais mitos ou equívocos surgiram com mais frequência? Algum deles foi surpreendente para você?
2. Como as pessoas que você entrevistou reagiram quando você compartilhou informações precisas? Elas se mostraram receptivas ou resistentes?
3. Qual foi o equívoco mais difícil de abordar? O que tornou isso desafiador?
4. Alguma dessas crenças parecia estar ligada a ideias culturais, religiosas ou históricas sobre a lepra (doença de Hansen)? Como você poderia abordar essas questões com sensibilidade?
5. Como esses equívocos podem afetar uma criança com lepra (doença de Hansen), ou a filha ou o filho de um pai ou mãe com lepra (doença de Hansen), no ambiente escolar?

Compartilhe as conclusões e reflexões do seu grupo durante as discussões com todo o grupo.

Unidade 2. Relevância global em contextos endêmicos e não endêmicos

Classificação de cenários e elaboração de respostas inclusivas

Objetivo: Comparar como o estigma e a exclusão podem se manifestar em contextos endêmicos e não endêmicos e elaborar respostas inclusivas que apoiem a participação dos alunos.

Trabalhem em pequenos grupos. Pensem em suas experiências e escrevam dois cenários curtos mostrando como o estigma ou a exclusão podem se manifestar em diferentes contextos. Por exemplo: uma escola em uma área endêmica, uma família de migrantes em um país não endêmico, um professor sem saber como reagir a um boato ou um aluno enfrentando exclusão devido ao medo e à desinformação.

Elabore uma breve nota comparativa em uma tabela de duas colunas, mostrando as principais diferenças, questões em comum e as ações propostas para ambos os contextos.

- Classifique cada cenário como refletindo principalmente um contexto endêmico ou não endêmico, ou indique se ele poderia ocorrer em ambos.
- Identifique a questão principal em cada cenário, como desinformação, bullying, exclusão, lacunas nas políticas ou falta de formação entre os educadores.
- Chegue a um consenso sobre uma resposta inclusiva para cada cenário que um professor, diretor escolar ou representante sindical possa adotar.
- Elabore um breve relatório para o grupo maior explicando por que sua resposta ajudaria a reduzir o estigma e apoiar a participação.

Descrição do cenário	Cenário 1	Cenário 2
a. O cenário pode ocorrer em contextos endêmicos, não endêmicos ou em ambos?		
b. Questão principal		
c. Ação (intervenção inclusiva)		

Perguntas para reflexão em grupo:

- Quais questões surgiram em ambos os contextos?
- Quais respostas foram específicas a cada contexto?
- O que isso lhe diz sobre a relevância global da redução do estigma e da educação inclusiva?

Unidade 3. Impacto do estigma na participação na educação

Vozes da comunidade: painel de discussão entre pares

Objetivo: Work in a group of 5 to 8. Invite two or three community members, colleagues, or guest speakers, ideally including a person with lived experience of leprosy or disability, to take part in a short panel discussion with your group.

Trabalhem em grupos de 5 a 8 pessoas. Convidem dois ou três membros da comunidade, colegas ou palestrantes convidados — de preferência incluindo uma pessoa com experiência vivida de lepra (doença de Hansen) ou deficiência — para participar de uma breve mesa-redonda com seu grupo.

Antes da sessão, prepare duas ou três perguntas para fazer ao painel. Sugestões de perguntas incluem:

- Você já testemunhou ou sofreu estigma ou discriminação? Como foi essa experiência?
- Como isso afetou sua vida cotidiana, seu trabalho ou seu acesso à educação ou à saúde?
- O que ajudou ou o que você gostaria que as pessoas tivessem feito de diferente?

Após o painel, o grupo reflete em conjunto:

- O que foi mais surpreendente ou comovente no que vocês ouviram?
- Como ouvir uma história pessoal muda a maneira como vocês pensam sobre o estigma?
- Qual é uma coisa que vocês poderiam fazer de maneira diferente em sua escola ou local de trabalho como resultado disso?

Mapeamento de Barreiras: Planejamento de Ações Comunitárias

Objetivo: Identificar barreiras sobrepostas enfrentadas por pessoas que sofrem discriminação cumulativa e planejar ações práticas para reduzir a exclusão.

Trabalhem em pequenos grupos. Escolham um grupo real ou fictício de sua escola, local de trabalho ou comunidade que possa estar sofrendo discriminação agravada. Por exemplo, um aluno com deficiência, um colega ou profissional de apoio educacional afetado pela lepra (doença de Hansen), ou um membro da comunidade de um grupo indígena.

Usando uma folha grande de papel, criem um mapa simples com o desenho de uma pessoa (ou qualquer ícone) no centro, que represente o grupo que vocês escolheram. Ao redor dele, identifique:

- Fatores pessoais – idade, gênero, orientação sexual, condição de saúde, raça, etnia, idioma, situação econômica, condição de migrante
- Fatores comunitários – normas sociais, atitudes, crenças culturais ou religiosas
- Fatores institucionais – políticas da escola ou do local de trabalho, acessibilidade, disponibilidade

de serviços, leis

Em seguida, em grupo, discutam:

- Quais barreiras são mais urgentes de serem abordadas?
- Quem na sua escola, sindicato ou comunidade tem o poder ou a influência para ajudar a remover essas barreiras?
- Qual seria uma medida concreta que seu grupo poderia tomar, nesta semana, neste semestre ou neste ano, para fazer a diferença?

Apresente seu mapa e a medida a ser tomada para todo o grupo. Essa atividade também pode ser realizada usando post-its na parede, com cada camada representada por uma cor diferente.

Notas de rodapé

1 World Health Organization, "Leprosy," **https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/leprosy.**

2 Centers for Disease Control and Prevention, "About Leprosy (Hansen's Disease)," U.S. Department of Health and Human Services, last modified December 5, 2025, **https://www.cdc.gov/leprosy/about/index.html.**

3 The Leprosy Mission Trust India, "Leprosy: Modern Challenges of an Ancient Disease," **https://www.leprosymission.in/leprosy-modern-challenges-of-an-ancient-disease/.**

4 World Health Organization, "Leprosy," last modified January 23, 2026, **https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/leprosy.**

5 Ibid.

6 Ibid.

7 The Leprosy Mission Trust India, "Leprosy - ClinicalAspects," **challenges-of-an-ancient-disease/leprosy-clinical-aspects/.**

8 Centers for Disease Control and Prevention, "About Leprosy (Hansen's Disease)."

9 Ibid.

10 World Health Organization, "Leprosy."

11 Centers for Disease Control and Prevention, "About Leprosy (Hansen's Disease)."

12 A. Joy, C. Elisha, E. Bassey, G. Shrubsole, H. Gudasalamani, M. S. Raju, M. David, M. Das, N. Sarah, T. Mendis, and V. Parisipohula, "Toolkit for Understanding and Challenging Leprosy-Related Stigma for Civil Society Organisations in India" (The Leprosy Mission Trust India, 2017), **https://www.infontd.org/resource/toolkit-understanding-and-challenging-leprosy-related-stigma-civil-society-organisations.**

13 Centers for Disease Control and Prevention, "About Leprosy (Hansen's Disease)."

14 Ibid.

15 Ibid.

16 Joy et al., "Toolkit for Understanding and Challenging Leprosy-Related Stigma."

17 NLR – Until No Leprosy Remains, "10 Common Myths and Misconceptions About Leprosy – Debunked," **https://nlrinternational.org/10-common-myths-and-misconceptions-about-leprosy-debunked/;** The Leprosy Mission International, "Exposing the Myths Around Leprosy," **https://www.leprosymission.org/leprosy-champions/exposing-the-myths-around-leprosy/.**

18 Luigi Santacroce, Raffaele Del Prete, Ioannis Alexandros Charitos, and Lucrezia Bottalico, "Mycobacterium leprae: A Historical Study on the Origins of Leprosy and Its Social Stigma," Le Infezioni in Medicina 29, no. 4 (2021): 623–632, **https://doi.org/10.53854/liim-2904-18.**

19 World Health Organization, "Leprosy."

20 Ibid.

21 NLR – until No Leprosy Remains, "10 Common Myths and Misconceptions About Leprosy – Debunked."

22 The Leprosy Mission International, "Exposing the Myths Around Leprosy," **https://www.leprosymission.org/leprosy-champions/exposing-the-myths-around-leprosy/.**

23 NLR – Until No Leprosy Remains, "What Is Leprosy? Key Facts," **https://nlrinternational.org/what-is-leprosy/.**

24 UN Committee on the Rights of Persons with Disabilities, General Comment No. 4 (2016), Article 24: Right to Inclusive Education, CRPD/C/GC/4.

25 UNESCO, "Inclusion in Education," **https://www.unesco.org/en/inclusion-education.**

26 Education International, "Search: Inclusive Education" [search results], **https://www.ei-ie.org/en/search?item_contents%5Bquery%5D=inclusive%20education.**

27 International Federation of Anti-Leprosy Associations (ILEP) and NNN, Guides on Stigma and Mental Wellbeing – Guide 1: What Are Health-Related Stigma and Mental Wellbeing? (ILEP, 2020).

28 Ibid.

29 ILEP and NNN, Guides on Stigma and Mental Wellbeing – Guide 1; Sightsavers, "Reducing Stigma in Inclusive Programming," 2025, **https://stigma-guide.sightsavers.org/2-what-is-stigma/types-of-stigma/.**

[30] Ibid.

[31] Ibid.

[32] Ibid.

[33] Sightsavers, "Reducing Stigma in Inclusive Programming," **https://stigma-guide.sightsavers.org/2-what-is-stigma/.**

[34] United Nations, Convention on the Rights of Persons with Disabilities and Optional Protocol (2006).

[35] UN General Assembly, Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women (1979), **https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-elimination-all-forms-discrimination-against-women.**

[36] Committee on Economic, Social and Cultural Rights, General Comment 20, Social and Cultural Rights (2009), **https://www.globalhealthrights.org/instrument/cescr-general-comment-no-20-non-discrimination-in-economic-social-and-cultural-rights/.**

[37] UNESCO, Convention against Discrimination in Education (1960) **https://www.unesco.org/en/legal-affairs/convention-against-discrimination-education.**

[38] Adapted from ILEP and NNN, "Guides on Stigma and Mental Wellbeing."

[39] Ibid.

[40] UN Women, Intersectionality Resource Guide and Toolkit: An Intersectional Approach to Leave No One Behind (UN Women, 2021), **https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2022/01/intersectionality-resource-guide-and-toolkit;** Education International, "Resolution from the 8th World Congress," **https://www.ei-ie.org/en/item/23033:multiple-and-intersecting-forms-of-discrimination.**

[41] Adapted from CBM International, Disability and Gender Analysis Toolkit (2019), **https://www.cbm.org/fileadmin/user_upload/CBM_disability_and_gender_analysis_toolkit_accessible.pdf.**

[42] W. H. van Brakel, R. M. Peters, and Z. B. da S. Pereira, "Stigma Related to Leprosy – A Scientific View," in The International Textbook of Leprosy (2019), **https://internationaltextbookofleprosy.com/clinical-sciences/rehabilitation--social-aspects/stigma-related-to-leprosy--a-scientific-view;** Japan Teachers' Union, Human Rights Education Guideline Booklet (JTU, 2007).

[43] UNESCO, Right to Education Handbook (2019).

[44] ILEP, Triple Jeopardy: Tackling the Discrimination Facing Girls and Women with Leprosy (2015), **https://ilepfederation.org/wp-content/uploads/2020/02/Triple-Jeopardy-IWD-2015.pdf.**

[45] Gabriella Kulcsár, "Stigma Based Bullying in School," American Psychological Association, **https://www.apa.org/international/networks/global-psychology-alliance/lesson-8-stigma-based-bullying.pdf.**

[46] Kulcsár, "Stigma Based Bullying in School"; UNESCO, Right to Education Handbook.

[47] UNESCO, "Inclusive Teaching: Preparing All Teachers to Teach All Students," 2020, **https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374447.**

[48] UN News, "End Discrimination Against Women and Children Affected by Leprosy," United Nations, January 26, 2020, **https://news.un.org/en/story/2020/01/1056011.**

[49] UNESCO, Global Education Monitoring Report 2020: Inclusion and Education: All Means All (2020).

[50] World Health Organization, "Leprosy," last modified January 23, 2026, **https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/leprosy.**

[51] World Health Organization, "Leprosy."

[52] Centers for Disease Control and Prevention, "Clinical Testing and Diagnosis for Leprosy (Hansen's Disease)."

[53] World Health Organization, "Leprosy."

[54] NLR – until No Leprosy Remains, "Treatment for Leprosy."

Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

creative commons

Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0) (CC BY-NC-SEA 4.0)

Você pode:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material

Nos seguintes termos:

Atribuição — Você deve dar o devido crédito, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazer isso de qualquer maneira razoável, mas não de forma que sugira que o licenciante endossa você o seu uso.

Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais

Compartilhamento Igual — Caso remixa, transforme, ou crie a partir do material, você deve descrever suas contribuições sob a mesma licença do original.

Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)



Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

Head office

15 Boulevard Bischoffsheim
1000 Brussels, Belgium
Tel +32-2 224 0611
headoffice@ei-ie.org

www.ei-ie.org

#unite4ed

A Internacional da Educação representa organizações de docentes e outros profissionais da educação em todo o mundo. É a maior federação mundial de sindicatos e associações, representando trinta milhões de profissionais da educação em cerca de quatrocentas organizações em cento e setenta países e territórios, no mundo inteiro. A Internacional da Educação une professores e profissionais da educação.

Este trabalho está licenciado sobre a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0)

Publicado pela Internacional da Educação (setembro 2026)
ISBN 978-92-9276-042-7 (PDF)